



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACULDADE DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL

RAMON HENRIQUE DE AMORIM FURTADO

STÉFANNIE CARDOSO BENASSULE

A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DA TERAPIA OCUPACIONAL SOBRE A
POPULAÇÃO LGBT: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE 2000 À 2016.

BELÉM

2017

Ramon Henrique de Amorim Furtado

Stéfannie Cardoso Benassule

A produção de conhecimento da terapia ocupacional sobre a população lgbt: uma revisão
bibliográfica de 2000 à 2016

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau
de bacharel do Curso de Terapia Ocupacional
da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. MSc. Otavio Augusto de
Araujo Costa Folha

Co-orientador: Prof. Dr. Lucivaldo da Silva
Araújo

BELÉM

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ramon Henrique de Amorim Furtado

Stéfannie Cardoso Benassule

A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DA TERAPIA OCUPACIONAL SOBRE A
POPULAÇÃO LGBT: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE 2000 À 2016

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. MSc Otavio Augusto de Araujo Costa Folha

Orientador

Prof. Dr. Lucivaldo, da Silva Araújo

Co-orientador

Prof. MSc Danusa Falcão

Membro da Banca

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à Deus, à minha linda avó Maria (in memorian) e
a todas as pessoas que lutam por suas liberdades diariamente,
lembrem-se:*

*Ninguém pode pisotear sua liberdade
Grite forte se quiserem te calar
Ninguém pode te deter
Se você tem fé
[...] Não pare nunca de sonhar
Não tenha medo de voar
Viva tua vida
(Trecho de No Pares – RBD).*

Ramon Furtado

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Deus, à minha família e a todos aqueles que sofrem discriminação e já sentiram medo de ser quem são.

“Eu sou linda do meu jeito

Pois Deus não comete erros

Eu estou no caminho certo, baby

Eu nasci assim”

(Trecho de Born This Way – Lady Gaga)

Stéfannie Cardoso Benassule

AGRADECIMENTOS

Ninguém chega a lugar algum sem a presença de Deus, ele nos acompanha e está à frente de todos nossos passos, sente nossos medos, nossas angustias, mas nunca nos abandona, sem Deus não seríamos nada, dedico a Ele este trabalho em agradecimento a todo o apoio que me fez chegar até este momento.

Agradeço a minha mãe Elizabete, pelo amor e apoio em absolutamente todos os momentos da minha vida, que desde criança, fez e continua fazendo de tudo para que eu tenha oportunidades. Posso não falar isso todos os dias, mas és o meu amor, mais puro e verdadeiro, que demonstro em todos os abraços do dia, almoços e jantas que compartilhamos, ou mesmo nas coisas que fazemos, já passamos por muitas barreiras, mas permanecemos aqui, de pé, eu te amo!

À minha família, principalmente minhas tias, por me ajudarem financeiramente, com um abrigo ou um almoço, por me acolherem e sempre comemorar as minhas vitórias, em especial minha madrinha, a qual troca comigo diariamente muitas experiências, muitos conhecimentos e favores, o real sentido de família.

Dedico este trabalho também a todos os meus amigos de infância, do tempo de escola e que levo no coração até hoje, Bruna, Helane e Pamela, meu “RBHP”, Macello, Rayra, Raylana, Luanna, Ellen, Dary, Teresa e Elisangela que me acompanham desde 2004 e me proporcionaram muitas alegrias, muitas histórias, vocês foram muito importantes nessa jornada escolar.

E aos meus amores de faculdade, Brenda, Jéssica, Renata, Samarah e Stéfannie, o “BreJéRaReSaSte”, que vem se reciclando a cada dia, somos hoje seis, no entanto já fomos mais, e o que aprendemos na graduação foi a nos doar em prol do grupo, com vocês aprendi a errar, a perdoar, a ouvir e principalmente a dar valor em quem está ali do nosso lado, pessoas entraram e saíram das nossas vidas, e nós ali, as vezes odiados, as vezes amados, entretanto sempre unidos, desde o “órgão emissor” até os dias atuais fomos aprendendo o real valor de ter e ser um amigo. Muito obrigado meninas, espero que nossos caminhos sejam prósperos e que sejamos muito felizes, amo vocês!

Agradeço a minha dupla Stéfannie, não só nesse trabalho, mas também na vida, não consigo listar em quantos eventos me dispus a lhe acompanhar, ou quantas vezes me alegrei em saber que você se sentia bem, sempre acreditei na “Teté” mesmo quando os outros não, esse trabalho é fruto do nosso companheirismo, da nossa parceria, de nossa paciência em querer fazer ele acontecer, já lhe disse isso uma vez e repito, gosto de você as vezes mais do

que de mim mesmo, és responsável por tantos momentos inesquecíveis, bons e ruins, mas com certeza de grande aprendizado e crescimento, sempre estarei aqui se precisar de mim.

Aos professores e mestres que são responsáveis pelo nosso aprendizado, em especial aos nossos orientadores Otavio Folha e Lucivaldo Araújo por terem embarcado com a gente nesse trabalho sempre nos motivando e faze-lo dar certo.

A todos as outras pessoas envolvidas direta e indiretamente participaram da minha vida e me apoiaram a chegar até aqui.

Ramon Furtado

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente e sempre, à Deus. Por ter cuidado de mim com tanto carinho, por ter me abençoado mesmo quando eu julgava não merecer. Por todas as vezes que eu pensei não aguentar mais trabalhos, mais aulas, mais estágios... E Deus estava no meu coração, me sussurrando “Só mais um pouco... você consegue”. Mas além de estar presente em mim, também enviou anjos para me acompanhar.

Esses anjos são vocês, minha família, que de tradicional não tem nada. Agradeço infinitamente a todos vocês.

Minha mãe Ivanilza, que fez todos os esforços possíveis (e talvez impossíveis) para me dar uma boa educação. Que me criou para ser crítica e justa. Nesse momento, eu lhe retribuo toda a dedicação e a confiança que pôs em mim. Minha tia Ivaney, obrigada por tudo (e mais um pouco), por me cobrar para estudar mais, por me buscar no colégio tarde da noite depois de um dia cansativo de trabalho, espero te ver tão feliz como vi no dia em que passei no vestibular e iniciei essa jornada. Agradeço ao anjo mais iluminado da minha vida, meu irmão João Guilherme, que me fez conhecer a Terapia Ocupacional. Ele pode não saber, mas me ensina algo importante todos os dias. Ao meu pai, meus tios, minha avó, meus primos: Perdoem se eu sumi durante esses anos, desculpem se eu fui arrogante enquanto estava sob estresse da faculdade e obrigada por se sentirem felizes com as minhas vitórias. Vocês são parte desse processo. Amo vocês, família.

Muito obrigada à pessoa que chegou à minha vida pra somar, pra compartilhar, pra evoluir comigo. Que sempre será uma inspiração pessoal e profissional. Que me ajudou em muitos trabalhos, me mandou muitos arquivos, leu esse trabalho 50x no mínimo. Que sempre tem uma palavra de conforto e esperança. E deposita tanta fé em mim, que batalho todos os dias pra não decepcionar. Desculpa quando eu não soube lidar com a pressão, o medo, o estresse e descontei em você. Jaque, obrigada por estar comigo nesse momento. Te amo.

Quando iniciei a graduação, não tinha ideia do quão intenso seria. Passamos tanto tempo juntos, abrimos as portas de nossas casas e nossos quartos, nossas mães viram tias dos amigos, os namorados se conhecem... E como se não bastasse a semana toda juntos, a gente marca confra. Não importa se é brigadeiro com pipoca, se é sushi, pizza ou treino funcional. A gente quer estar junto. Sentirei muita falta disso, amigos. Mas a gente tem que trabalhar, né? Espero que o caminho de vocês seja de sucesso, muito abençoado e iluminado. Muito obrigada Brenda, Jéssica, Renata, Samarah e Ramon por todos os risos e histórias loucas.

Agradeço ao meu grande amigo e dupla de TCC, Ramon. Deus acertou demais quando me enviou esse anjo. Ele tem sido um irmão durante todos esses anos, e as pessoas até estranham quando nos encontram separados. Estivemos juntos em tudo. Eu espero que isso não mude. Esse trabalho é um filho, que foi cuidado e alimentado por nós. Ele é o resultado da nossa dedicação, e obrigada por jamais ter desistido dele, apesar de todas as formas que esse TCC já teve. Embarcamos juntos nessa loucura de falar sobre algo tão distante do foco da Terapia Ocupacional, porém tão próximo do nosso cotidiano. E depois de tantos seminários apresentados juntos, esse será o último dessa graduação. Dividir contigo esses 5 anos foi muito gratificante. Obrigada por cada riso, conversa, balada e por cada página desse trabalho.

Aos meus professores, em especial aos orientadores desse TCC, o Profº Otávio Folha e o Profº Lucivaldo, agradeço imensamente pela coragem. Sei que esse trabalho foi um desafio, e sem vocês nós não teríamos conseguido. Obrigada ao profº Lucivaldo, por ter aceitado nos orientar quando já estávamos desacreditados e sem opções. Nos deu o gás que precisávamos para qualificar e nos ajudou a superar as dificuldades. Ao profº Folha, agradeço por nos acompanhar nessa jornada, sei que muitas vezes o senhor pensou estar mais perdido do que nós, mas saiba que cada orientação que recebemos, nos guiou até aqui. Nós confiamos em vocês, por que vocês merecem. São grandes mestres, e em breve, colegas de profissão que eu sempre vou admirar.

Obrigada a todas as pessoas que cruzaram meu caminho durante a graduação, que fizeram minha vivência na Universidade Federal do Pará ser tão especial e significativa.

Stéfannie Cardoso Benassule

RESUMO

A população LGBT têm apresentado maior destaque e visibilidade no meio acadêmico. Este grupo caracteriza-se por envolver aspectos da sexualidade e da identidade de gênero, o que pode ser visto socialmente de forma discriminatória e por vezes, violenta através da homofobia. Sendo esta grande influenciadora no cotidiano de indivíduos LGBT. O Terapeuta Ocupacional é um profissional capacitado para trabalhar as ocupações, o cotidiano e o desempenho ocupacional, no entanto, a literatura específica da Terapia Ocupacional em relação ao público LGBT ainda apresenta-se de forma tímida. Assim, esta pesquisa buscou estabelecer um panorama nacional e internacional a respeito das publicações de Terapia Ocupacional com o público LGBT. Para isso, foi realizada uma revisão da literatura do tipo overview. Através do Portal Periódicos da CAPES, foram selecionados os periódicos de Terapia Ocupacional, e os artigos foram selecionados através de uma varredura manual, leitura do título e do resumo. Ao todo, foram reunidos 22 artigos que abordavam ou tinham aproximação com a temática LGBT, os quais foram catalogados, a fim de extrair todas as informações consideradas necessárias. Os resultados obtidos ao longo da pesquisa foram divididos por tópicos, estas foram: origem dos estudos, tipos de artigos, os principais objetivos, métodos, principais achados, público estudado e temáticas abordadas. De forma geral, demonstrou-se que este debate é crescente e relevante para a Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVO GERAL	12
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	AS CONSTRUÇÕES SOCIAIS SOBRE GÊNERO: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS.....	14
2.2	LGBT: UMA PROBLEMÁTICA SOCIAL?.....	16
2.3	GÊNERO E OCUPAÇÃO: QUAIS OS POSSÍVEIS INTERESSES DA TERAPIA OCUPACIONAL?	18
3	METODOLOGIA	20
3.1	TIPO DE ESTUDO	20
3.2	FONTE DE INFORMAÇÃO.....	20
3.2.1	Critérios De Inclusão	21
3.2.2	Critérios De Exclusão	21
3.3	DELINEAMENTO DO ESTUDO	21
3.4	SELEÇÃO DOS ESTUDOS	25
3.5	EXTRAÇÃO DAS INFORMAÇÕES	27
4	RESULTADOS	28
4.1	ORIGEM DOS ESTUDOS	29
4.2	TIPOS DE ARTIGOS	29
4.3	OBJETIVOS DOS ESTUDOS.....	30
4.4	METODOLOGIA UTILIZADA.....	31
4.5	PRINCIPAIS ACHADOS	32
4.6	PÚBLICO ESTUDADO	34
4.7	TEMÁTICAS ABORDADAS	34
5	DISCUSSÃO	36
5.1	LIMITAÇÕES DO ESTUDO	42
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Com o propósito de apresentar o percurso teórico, metodológico e as reflexões originadas a partir deste estudo, este trabalho está organizado de forma a apresentar, primeiramente, as informações teóricas que embasaram a elaboração e realização da pesquisa, seguido da explanação dos procedimentos metodológicos utilizados. Logo após, apresentam-se os achados e as discussões relacionadas à temática. Finaliza-se explicitando as principais considerações da pesquisa, assim como suas limitações e desafios.

Este estudo situa-se no campo de conhecimento acerca da aproximação e produção científica da Terapia Ocupacional junto ao público de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans¹ (LGBT). A construção do debate relacionando a Terapia Ocupacional e LGBT's é recente, o que pode dificultar o acesso a informações baseadas em evidências ou outra estratégia ancorada em aporte teórico próprio da profissão voltado para este público. Portanto, como futuros profissionais de Terapia Ocupacional, faz-se necessário conhecer a forma com que a Terapia Ocupacional tem conduzido a produção de conhecimento a respeito deste público.

O interesse em conhecer melhor a respeito da população LGBT e suas demandas surgiu a partir de uma disciplina acadêmica. Ao vivenciarmos uma formação cada vez mais pautada na problematização e na renovação constante de saberes e práticas, o exercício reflexivo se torna mais evidente e necessário durante a nossa formação profissional. A estimulação de um olhar crítico e ao mesmo tempo sensível, nos motiva a debater assuntos pouco explorados e desafiadores. As inquietações sobre a forma como a sociedade discrimina e estigmatiza grupos específicos, nos levaram a incorporar tais assuntos no cotidiano dos espaços acadêmicos.

A partir das perspectivas da Terapia Ocupacional sobre as ocupações, entende-se que as mesmas dependem tanto da vontade ou necessidade do indivíduo, quanto das expectativas da sociedade (WFOT, 2010). Esses entendimentos são problemáticos quando induzem as ocupações desenvolvidas pelo indivíduo, causando um desequilíbrio das ocupações que são “necessárias” e/ou que esperam que se faça. Indivíduos LGBT's experimentam diariamente essas cobranças em assumir papéis do gênero e/ou uma identidade sexual com a qual não se identificam e estas situações de violência se apresentam de múltiplas

¹ Trans: Termo “guarda-chuva” que agrega todas as possíveis identidades transgêneros. Neste estudo, iremos utilizar o termo para nos referir a transexual, travesti e transgênero.

formas, desde a infância até a vida adulta (PERUCCHI, CORRÊA, 2013; SIQUEIRA et al, 2009; FINCO, 2003).

A relevância social desta revisão de literatura ancora-se na perspectiva de que as informações obtidas pelo estudo possam oferecer aos profissionais e estudantes de Terapia Ocupacional um panorama nacional e internacional a respeito da quantidade e qualidade das produções científicas de Terapia Ocupacional envolvendo o público LGBT.

Através do trabalho de Monzeli e Lopes (2012), percebe-se a similaridade destas discussões, pois os autores se propuseram a realizar uma revisão da literatura de Terapia Ocupacional relacionando à sexualidade. Sabe-se que a sexualidade é um aspecto abrangente, envolvendo muito além da população LGBT. Por isso, ressaltam-se as particularidades em relação ao propósito desse trabalho, como um recorte temporal mais atual, a inclusão de um maior número de periódicos de Terapia Ocupacional, entre outras categorias de análise mais minuciosas. Além disso, Monzeli e Lopes (2012) destacam lacunas, como a vinculação imediata entre sexo, gênero e sexualidade, e indicam a necessidade de novos estudos que discutam a sexualidade levando em conta o caráter histórico, cultural e político desta dimensão humana.

A Terapia Ocupacional trabalha e reconhece o potencial das ocupações e a importância destas na vida do ser humano, portanto, diante do exposto acima, a fim de aprimorar as discussões acerca da temática LGBT enquanto tema de interesse e possível campo interventivo da Terapia Ocupacional, esta pesquisa apresentou os seguintes objetivos:

1.1 OBJETIVO GERAL

Estabelecer um panorama, a partir da literatura especializada brasileira e estrangeira, da circulação, aproximação e apropriação das questões ligadas ao público LGBT no âmbito da Terapia Ocupacional.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Estipular a origem, através do periódico e do país, mais frequente nos artigos analisados;

Classificar os tipos de artigos mais utilizados na literatura para abordar a temática;

Conhecer os objetivos e métodos mais frequentes nos artigos relacionados ao público LGBT.

Analisar os principais resultados dos artigos;

Identificar as temáticas abordadas na Terapia Ocupacional a respeito da população LGBT;

Verificar qual a população, dentre os LGBT's, mais frequente na literatura da Terapia Ocupacional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AS CONSTRUÇÕES SOCIAIS SOBRE GÊNERO: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS.

Os hábitos e comportamentos da sociedade vêm sofrendo constante mudança de acordo com o tempo. Suas modificações geralmente estão relacionadas às transformações verificadas na própria sociedade ou em certas dimensões dela, o que se reflete diretamente no modo em esta sociedade se comporta.

Atualmente, uma discussão segue ganhando destaque, que seria em relação à população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), entretanto, para que se possa adentrar nos aspectos dessa população, é necessário o debate de alguns pontos, como sexo, sexualidade e gênero. Esses conceitos, ao primeiro contato, costumam ser facilmente confundidos, mas estabelecer uma distinção entre essas noções é estar disposto a desconstruí-los, por mais que estejam enraizados de forma equivocada no imaginário da sociedade atual, o que, dentre outras coisas, contribui para as diferentes formas de discriminação sofridas por LGBT's (LIMA, 2015).

Na tentativa de esclarecer e diferenciar esses três termos, podemos eleger o **sexo**, possivelmente, como a terminologia mais comum, polissêmica e controversa desta tríade. Segundo Paludeto (2010), o sexo é determinado geneticamente por meio da combinação cromossômica XX e XY. Refere-se às características biológicas diferentes de homens e mulheres, ou seja, aspectos dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos e ao seu funcionamento.

Longe deste foco biológico, Butler (2000) apresenta o sexo como um ideal regulatório cuja materialização é imposta, ou seja, o "sexo" se caracteriza como uma construção social que vem crescendo conforme o tempo. Não é uma condição do corpo, mas um processo pelo qual o sujeito passa mediante as transformações sociais. A relação que a autora faz com o termo sexo, se aproxima das relações dadas de sexualidade.

Os ideais sobre **sexualidade** perpassam por vários olhares, como relata Musskopf (2008). Ela pode ser definida pelas práticas erótico-sexuais nas quais as pessoas se envolvem, bem como pelo desejo e atração que leva a sua expressão. Esse aspecto também é chamado de "orientação sexual". Além disso, "a sexualidade não é uma mera qualidade. Não é algo que o ser humano tem, mas algo que ele é. Ultrapassa a existência humana em todas as suas camadas" (JESUS, 2008, p. 52). Questões sexuais necessitam de um olhar minucioso para uma melhor discussão, pelo fato de não serem denominadas como um conceito simples e

envolver diversos questionamentos. A sexualidade é da ordem do indivíduo. Também pode estar relacionada aos prazeres e às fantasias ocultas e aos excessos perigosos para o corpo (TONELI, 2012).

Em um sentido amplo, pode-se afirmar que a sexualidade envolve diversas dimensões do sujeito, está envolvida com a suas relações pessoais e constitui-se como importante experiência pessoal e subjetiva. Bonfim (2009) destaca a importância da sexualidade na formação do sujeito em todas as etapas de seu ciclo vital, sem negar, obviamente, a importância e influência dos fatores sociais, políticos e educacionais nesse processo (PONTES, 2011).

O último conceito, diz respeito ao **gênero**, que para Butler (2014) é o mecanismo pelo qual noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas. Para a autora, a noção de gênero ultrapassa a mera representação de papéis a serem desempenhados por corpos de homens e mulheres. Gênero é uma representação vivenciada pelas performances dos sujeitos sociais que a vivenciam através de contextos espaciais, cotidianos e concretos.

Scott (1990) apud Filho (2005) argumenta que o conceito de gênero foi criado para se opor às relações entre os sexos, para que a partir de então todo o olhar dado às questões de gênero, fosse social. A partir da ideia de que gênero busca a consolidação desses papéis sociais, ao mesmo ponto em que busca a desconstrução de identidades concretas, ou seja, feminino e masculino (FILHO, 2005), entende-se gênero como um conceito difundido nas ciências sociais, relativamente novo e pouco debatido, mas que possui raízes antigas: as relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais. Estes papéis são construídos culturalmente e sofrem alterações conforme a sociedade e a sua época (SANTOS, 2010).

Ainda neste campo semântico e fronteiriço às distintas noções de sexo, sexualidade e gênero, vale destacar a homossexualidade e a bissexualidade como categorias dispostas no campo da orientação sexual, enquanto a travestilidade e a transexualidade relacionam-se com a identidade de gênero.

Souza (2012) compreende uma noção de gênero mais ampla do que o sexo biológico. O gênero ao qual se identifica será entendido como “identidade de gênero”, que, por sua vez, se caracteriza como ponto central para a compreensão das identidades, pois envolve os aspectos psicológicos do comportamento de ser homem ou mulher e tende a influenciar a maneira de agir, de pensar, de sentir, a maneira como percebemos a nós mesmos e aos outros (ARÁN, 2006).

A marginalização, discriminação e estigmatização são questões cotidianamente enfrentadas por LGBT's, seja em casos de desrespeito e violência; em situações vexatórias e preconceituosas; e em particular, a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, levando esta população, em boa parcela, à marginalização, às vezes, considerando-se “anormais”, isto é, desviantes da normatividade dominante entre os sexos e gêneros.

Esses episódios podem ocorrer por vários motivos que possuem como fundo uma organização social pautada na heteronormatividade. Este termo é compreendido por “aquilo que é tomado como normalidade em relação à sexualidade” (PETRY; MEYER, 2011, p. 196), sendo assim, há a necessidade de problematizar esta imposição social de que a heterossexualidade é a “norma” ou o “normal”. Essas discussões em torno da heteronormatividade visam regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade (PETRY; MEYER, 2011).

Diante deste contexto, é possível perceber que a sociedade necessita de maior compreensão e esclarecimento em relação às questões ligadas à orientação sexual e à identidade de gênero. Para tal, os LGBT's recorrem a estratégias de enfrentamento, através dos movimentos sociais e políticos.

2.2 LGBT: UMA PROBLEMÁTICA SOCIAL?

Visando compreender as problemáticas vivenciadas atualmente pelo público deste estudo, é fundamental conhecer brevemente o histórico do movimento LGBT, principalmente no Brasil.

Em 1978 surgem duas iniciativas do movimento homossexual, o Jornal “Lampião da Esquina”, que foi o primeiro jornal nacional a tratar abertamente a questão da homossexualidade, e o grupo “Somos”, que se caracterizava pela defesa dos direitos dos homossexuais e possuía um serviço de escuta e conselhos por meio de correspondências que recebia textos de todo o país (JÚNIOR, 2013; FACCHINI, 2003). Em 1997, aconteceu a primeira parada do orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros, em São Paulo, objetivando a visibilidade LGBT, consolidando-se como manifestação política (GARCIA, 2009).

A partir destes movimentos sociais, a luta por direitos da população LGBT iniciou um processo de aumento de visibilidade na sociedade e na mídia (SANTOS, 2016; BARRETO, 2009), entretanto, esta disseminação de informações ocorreu frequentemente de forma incorreta, reforçando preconceitos e discriminação. Diante disso, em 2010, foi produzido o documento "Manual de comunicação LGBT" que trazia a proposta de disseminar

informações melhor qualificadas principalmente para os profissionais da comunicação a respeito das LGBT's.

De acordo com a cartilha “Diversidade Sexual e Cidadania LGBT” (2014), alguns termos necessitam de um olhar mais minucioso, como o transexual, que é definido como sendo a pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo biológico. Jayme (2004) busca discutir a construção destas identidades trans, sendo assim, entende que as travestis são mulheres, pois interferem no corpo por meio de roupas, maquiagem, trejeitos femininos, medicamentos (hormônios), entre outros. Entretanto, as travestis afirmam que querem manter o órgão sexual masculino. Em contrapartida, o transexual é aquele que fez (ou deseja fazer) a cirurgia de transgenitalização, que para Cavalcante (2012) vem sendo a cirurgia em etapa final de um processo de intervenções que buscam dar à estrutura anatômica a materialização de uma identidade de gênero possuída.

É comum LGBT's sofrerem exclusão e constrangimentos no momento em que expõem sua identidade em determinados locais ou na presença de determinados grupos (BARRETO, 2009). Esses constrangimentos, privações e discriminações, ocorrem desde a infância, ainda no contexto familiar, onde meninos e meninas são educados de modos diferentes: meninas são educadas para serem organizadas, caprichosas e meigas, enquanto meninos devem ser corajosos e não podem demonstrar fraqueza, além de praticarem atividades mais agitadas” (JUNGES, 2015).

O brincar, ocupação tão significativa da criança, comprovado por Zen e Omari (2009) como valiosa no processo terapêutico, por conta dessa privação poderá ser prejudicado por falas como: “brincar de boneca não é coisa de menino” ou “carrinho azul não é para menina”. Discursos que limitam o potencial lúdico e o desenvolvimento de determinados papéis ocupacionais.

Em outros contextos onde o “diferente” é exposto, professores, familiares e demais pessoas acabam por não saber como enfrentar situações de convivência com um jovem homoafetivo. Em uma sociedade heteronormativa, conviver com uma LGBT oportuniza cruéis manifestações de preconceito, discriminação e violência (MOTT, 2009). Em seu trabalho a respeito dos tipos de violência sofrida pelo adolescente, Ntarelli *et al* (2015) encontram a homofobia em suas mais variadas formas de agressão, nos variados contextos, ressaltando a prevalência das violências verbais e psicológicas, como mais frequentes no cotidiano dos adolescentes.

Desta forma, o constrangimento e o sofrimento vivenciado diariamente pelas LGBT'S é uma violação aos seus direitos humanos e acaba reproduzindo uma violência

institucional (MONTEIRO; LIMA; CABRAL, 2016). Conhecer as demandas da população LGBT pode ser considerada uma ação transgressora, uma atitude que contraria a violência que o Estado e a sociedade estão acostumados a praticar contra essas pessoas. Ampliar este debate pode contribuir para a aproximação de profissões e campos de saber que apresentam amplo potencial para contribuir com esta causa a partir de seus interesses e especificidades, como é o caso da Terapia Ocupacional e o seu legado clínico, social e acadêmico em torno das ocupações humanas.

2.3 GÊNERO E SEXUALIDADE: QUAIS OS POSSÍVEIS INTERESSES DA TERAPIA OCUPACIONAL?

A Terapia Ocupacional é uma profissão que trabalha em prol da independência e melhoria no desempenho ocupacional de seus clientes envolvendo-os em suas ocupações para promover saúde, bem-estar e participação social (AOTA, 2015).

A *American Occupational Therapy Association* (AOTA) detalha na última edição do seu documento "Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio e processo" (AOTA, 2015) algumas possibilidades sobre a abrangência de campos nos quais a profissão pode estar inserida. De acordo com seus modelos de avaliação, para melhor conhecer o cliente, o Terapeuta Ocupacional pode explorar o perfil ocupacional de pessoas que tenham alterações ou dificuldades para o engajamento em suas ocupações cotidianas. Isto inclui obter informações sobre as necessidades, problemas e preocupações relacionadas ao desempenho ocupacional, que seria o ato de realizar de forma satisfatória todas as atividades do dia-a-dia.

Portanto, pertencer a um grupo de pessoas como as LGBT, que podem ser marginalizadas em função do gênero ou das relações afetivas que estabelecem, frequentemente privadas de envolver-se nas ocupações que gostariam e/ou impedidas de acessar os mesmos espaços e oportunidades que a maioria da população, pode tornar essas pessoas clientes em potencial da Terapia Ocupacional.

Barreto, Araújo e Pereira (2009) salientam que, quando se fala em discussões de gênero no âmbito da Terapia Ocupacional, apesar de muito se falar na dualidade homem-mulher, sobre os papéis de gênero na sociedade, diferenças e adoecimento, quase nunca esse discurso é voltado à comunidade LGBT. Este fato reforça a necessidade da construção de referências para estratégias de enfrentamento às vulnerabilidades que cercam o cotidiano das pessoas LGBT's. Do mesmo modo, é preciso que a formação graduada em Terapia Ocupacional seja um processo contínuo ao longo da vida profissional (FURLAN, et al, 2014).

Na relação terapêutica, os clientes valorizam a oportunidade de falar sobre o aspecto da sexualidade, pois podem relatar suas experiências, porém estas questões não tem sido enfoque dos terapeutas ocupacionais (TAYLOR, 2011). Entretanto, Sakellariou e Algado (2006) alertam que o Terapeuta Ocupacional não é um especialista em sexualidade, sendo assim, é necessário reconhecer os limites desta temática no que diz respeito à ocupação.

O modo de vida de LGBTs, por muitas vezes, é permeado por situações excludentes, o que pode resultar na diminuição da convivência familiar, educacional e social, favorecendo a migração para profissões de baixo nível escolar, a prostituição, rotinas e condições de vida sem probabilidade de melhorias, um fato que poderia ser discutido historicamente (BARBOSA, 2010; LEITE, 2008). A partir deste entendimento, a Terapia Ocupacional se mostra como possibilidade para ressignificar a rotina, o cotidiano e os projetos de vida deste público.

Souza e Bernardo (2014) ressaltam que não há dados estatísticos sobre a evasão escolar dos LGBT's, entretanto os movimentos sociais afirmam que o grupo trans é o que mais sofre discriminação na escola. Este fator influencia diretamente nas dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Não se sentir pertencente em seu dia-a-dia é uma problemática diretamente ligada à Terapia Ocupacional e o cotidiano de cada pessoa é único, não se repete e suas características estão intimamente ligadas à condição humana de cada indivíduo (GALHEIGO, 2003).

Galheigo (2003) ainda relata que o conhecimento do cotidiano implica na utilização de diferentes mecanismos, tais como a avaliação das Atividades de Vida Diária (AVD's), o entendimento da relação entre as AVD's e o histórico ocupacional das pessoas, as metodologias mais adequadas para a compreensão subjetiva. Abarcar as questões de gênero no contexto das preocupações da Terapia Ocupacional contemporânea é valorizar as demandas ocupacionais de uma população que ainda encontra-se à mercê de vulnerabilidades e privações que repercutem no seu desempenho ocupacional.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Caracteriza-se como um estudo teórico quanti-qualitativo. Tem como base de seu delineamento questões ou problemas específicos de caráter exploratório e descritivo. Este tipo de pesquisa visa familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido ou pouco explorado, sem finalidade de confirmar alguma hipótese, permitindo a utilização de levantamento bibliográfico (AFONSO et al, 2012; GIL, 2008). Trata-se, portanto, de um tipo de texto que reúne e discute informações produzidas e pode ser a própria revisão de um trabalho completo, aparecer como componente de uma publicação, ou organizadas em publicações que analisam o desenvolvimento de determinada área e período (MOREIRA, 2004).

Optou-se pela realização de uma revisão do tipo *overview*. Esta se caracteriza por fazer um levantamento da literatura, descrevendo sobre um determinado assunto (GRANT; BOOTH, 2009). Foi realizada varredura manual em bases de dados de Terapia Ocupacional que estejam vinculadas ao portal Periódicos da CAPES. Nos trabalhos de Camargo e Martins (2014); Salles e Matsukura (2015), o portal periódico da CAPES também foi utilizado como parâmetro para a coleta dos dados.

A revisão da literatura tem sido utilizada de forma crescente na Terapia Ocupacional (GOMES, OLIVER, 2010), sendo assim, optou-se por esta abordagem, pois ela possibilita o agrupamento de informações sobre um tema, embasando futuras práticas clínicas e contribuindo para possíveis reflexões diante do problema e para a disseminação de conhecimento.

3.2 FONTE DE INFORMAÇÃO

A fonte de informação do estudo foi composta pela literatura nacional e internacional, relacionada ao tema de estudo, indexada nos periódicos de Terapia Ocupacional vinculados ao Portal de Periódicos CAPES.

O Portal de Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil, buscando fortalecer a pós-graduação no Brasil. Foi lançado oficialmente em 2000 e atualmente, conta com um acervo de mais de 38 mil títulos com texto completo - acompanhando a tendência mundial do *Open Access*, 121 bases referenciais, 11 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência,

normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. (CAPES, Portal Periódicos. Missão e objetivos. [online])

Além disso, possuem acesso livre e gratuito ao conteúdo do Portal de Periódicos professores, pesquisadores, alunos e funcionários vinculados às instituições participantes. O Portal é acessado por meio de terminais ligados à internet e localizados nessas instituições ou por elas autorizados.² A Universidade Federal do Pará é uma das instituições participantes, nos possibilitando livre acesso aos artigos publicados nos periódicos de Terapia Ocupacional, o que nos motivou a utilizar o Portal Periódicos da Capes como parâmetro da coleta dos dados.

Quanto à amostra, os artigos foram selecionados a partir de varredura manual (GOMES, OLIVER, 2010; GALHEIGO et al, 2008), sendo selecionados após a leitura de título e resumo (ROCHA et al, 2015), totalizando 22 artigos. Vale ressaltar que seis destes artigos não estão disponíveis pelo portal periódico da CAPES, porém, estão dentro dos critérios de inclusão, pois abordam a temática LGBT e foram publicados no período de tempo estipulado por este estudo (2000 à 2016).

3.2.1 Critérios De Inclusão

Artigos publicados nos periódicos de Terapia Ocupacional no período de 2000 a 2016, vinculados ao Portal de Periódicos da CAPES e que abordem a temática do público LGBT.

3.2.2 Critérios De Exclusão

Artigos publicados em bases de dados não referentes à terapia ocupacional, que ultrapassem o limite de tempo estipulado (2000 à 2016), que não estejam vinculados ao portal periódico da CAPES e que não abordem a temática deste estudo.

3.3 DELINEAMENTO DO ESTUDO

A busca pelos periódicos ocorreu por meio de acesso ao portal de periódicos CAPES, utilizando os termos “Terapia Ocupacional” e “*Occupational Therapy*”. Na busca com o termo “TERAPIA OCUPACIONAL”, foram encontrados três periódicos: Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, Revista Terapia Ocupacional da USP, Revista Terapia Ocupacional Galícia (**Figura 1**).

² Informação retirada do site da CAPES: Disponível em: < <http://www.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em 21 de janeiro de 2017.

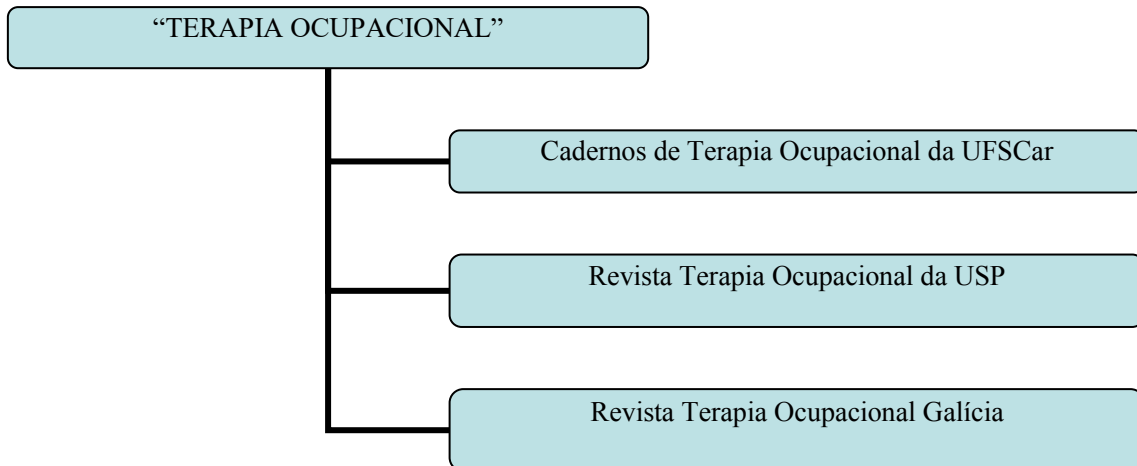


Figura 1: Periódicos encontrados no Portal de Periódicos da Capes com o descriptor “terapia ocupacional”.

Com o termo “OCCUPATIONAL THERAPY”, o resultado foi de 14 registros, que são: *The American Journal of Occupational Therapy*, *Asian journal of occupational therapy*, *Australian occupational therapy journal*, *British journal of occupational therapy*, *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, *The Canadian Journal of Occupational Therapy*, *Canadian journal of occupational therapy and physiotherapy*, *Hong Kong Journal of Occupational Therapy*, *New Zealand journal of occupational therapy*, *Occupational therapy*, *Occupational therapy international*, *The open journal of occupational therapy*, *Scandinavian journal of occupational therapy* e *South African Journal of Occupational Therapy* (**Figura 2**).

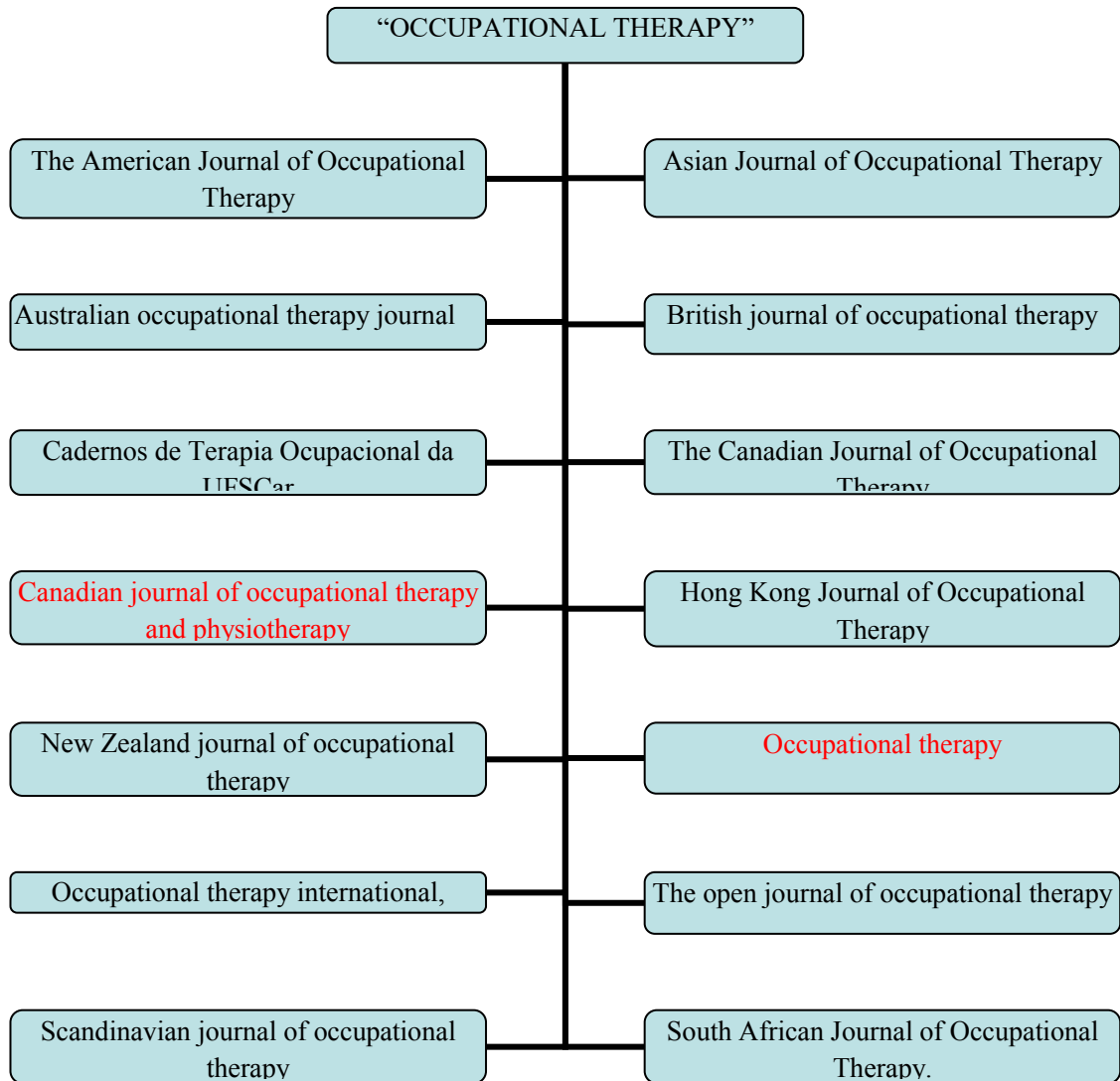


Figura 2: Periódicos encontrados no Portal de Periódicos da Capes com o descritor “occupational therapy”.

Foi observado que o periódico “Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar” consta como resultado nas duas formas de pesquisas, português e inglês. Além da indisponibilidade de acesso a dois periódicos, o *Canadian journal of occupational therapy and physiotherapy* e o *Occupational therapy*, inviabilizando a varredura manual destes.

A partir da visualização dos periódicos de Terapia Ocupacional disponíveis pelo portal periódico da CAPES, estes foram classificados conforme a disponibilidade no portal periódicos, a periodicidade de publicação da revista e a editora responsável pela publicação da mesma. Foi observado que o portal periódico da CAPES apresenta variação dos anos disponíveis e edições das revistas, como visualizado nas **Tabelas 1 e 2**.

TABELA 1 – Catalogação dos periódicos disponíveis com o termo “Terapia Ocupacional” no portal de periódicos da CAPES.

PERÍODICOS	DISPONIBILIDADE	PERIODICIDADE	EDITORA
Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	1990-2016	Três vezes por ano	DOAJ Directory of Open Access Journals Free Periódicos Nacionais
Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo (USP)	2002 – 2016	Três vezes por ano	Periódicos Nacionais
Revista Terapia Ocupacional Galícia	2004 – 2016	Semestral	DOAJ Directory of Open Access Journals Free

Fonte: Coleta de Dados, 2016.

TABELA 2- Catalogação dos periódicos disponíveis com o termo “Occupational Therapy” no portal de periódicos da CAPES.

PERÍODICOS	DISPONIBILIDADE	PERIODICIDADE	EDITORA
The American Journal of Occupational Therapy	2000-2016	Bimestral	Gale Cengage Academic OneFile Journals@Ovid Medical Core Collection
Asian Journal of Occupational Therapy	2001 - 2016	Anual	J-STAGE Free
Australian Occupational Therapy Journal	1997-2015	Bimestral	EBSCOhost Academic Search Premier EBSCOhost CINAHL with Full Text Wiley Online Library Wiley Online Library 2016 Full Collection
British Journal of Occupational Therapy	2008 - 2014	Mensal	Gale Cengage Academic OneFile
The Canadian Journal of Occupational Therapy	1997 - 2009	Bimestral	Gale Cengage Academic OneFile
Hong Kong Journal of Occupational Therapy	2001-2016	Semestral	DOAJ Directory of Open Access Journals Free Elsevier ScienceDirect Journals
New Zealand Journal of Occupational Therapy	2006-2013	Semianual	EBSCOhost CINAHL with Full Text Gale Cengage Academic OneFile
Occupational Therapy International	1994-2016	Trimestral	EBSCOhost Academic Search Premier EBSCOhost CINAHL with Full Text

			Wiley Online Library 2016 Full Collection
The open journal of Occupational Therapy	2012 - 2016	Trimestral	DOAJ Directory of Open Access Journals Free
Scandinavian Journal of Occupational Therapy	1999-2016	Bimensal	EBSCOhost Academic Search Premier EBSCOhost CINAHL with Full Text
South African Journal of Occupational Therapy	2008 - 2016	Três vezes por ano	Scielo Free

Fonte: Coleta de Dados, 2016.

3.4 SELEÇÃO DOS ESTUDOS

Após a catalogação dos periódicos, foi realizada a varredura manual, pois entende-se que podem ocorrer erros na busca somente pelos descritores, principalmente nesta temática que pode envolver diversos descritores como “gênero”, “sexualidade”, “identidade”, “LGBT”, “Queer”, entre outros. Sendo assim, os artigos foram selecionados a partir da leitura do título e do resumo. A varredura manual é utilizada em diversos artigos, principalmente quando o periódico não disponibiliza mecanismos automáticos de busca (GOMES, OLIVER, 2010; GALHEIGO et al, 2008).

Foram selecionados 22 artigos. Destes, 5 são de origem brasileira e estão dispostos na **Tabela 3**, conforme o título, autor e ano. Dentre a literatura internacional, foram selecionados 17 artigos, demonstrados na **Tabela 4**, também organizados por título, autor e ano. Após a coleta dos dados, foi realizada a leitura de todo o material e as principais informações foram compiladas, categorizadas e classificadas. Este tipo de estratégia é utilizado por vários autores que buscaram realizar revisões da literatura (SALLES; MATSUKURA, 2016; SILVA, VENDRÚSCULO-FANGEL, RODRIGUES, 2016; GALVÃO et al, 2014).

TABELA 3 – Artigos Nacionais selecionados a partir da leitura do título e do resumo.

Nº	ARTIGO	ANO
01	Terapia ocupacional e sexualidade: uma revisão nos periódicos nacionais e internacionais da área. (MONZELI; LOPES)	#2013
02	Entre proteção, exposição e admissões condicionadas: travestilidades e espaços de sociabilidade. MONZELI; FERREIRA; LOPES)	#2015
03	“Pensando como um menino é mais fácil”: construções sobre as relações de gênero no discurso de meninas adolescentes. (MONTEIRO et al)	#2015

04	Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais. (MURASAKI; GALHEIGO)	#2016
05	Terapia Ocupacional Social, pessoas trans e Teoria Queer: (re)pensando concepções normativas baseadas no gênero e na sexualidade. (MELO)	#2016

Fonte: Coleta de Dados, 2016.

TABELA 4. Artigos internacionais selecionados a partir da leitura do resumo.

Nº	ARTIGO	ANO
01	Daily Life for Eight Urban Gay Men With HIV/AIDS (BEDELL)	#2000
02	Understanding the Experience of Noninclusive Occupational Therapy Clinics: Lesbians' Perspectives. (JACKSON)	#2000
03	Identity Issues for People Living with HIV/AIDS: Humans with Potential or Sexual Victims? (YALLOP)	#2000
04	True to Our Philosophy? Sexual Orientation and Occupation (KINGSLEY; MOLINEUX)	#2000
05	'It's none of my business': Gay and lesbian invisibility in aged care. (HARRISON)	#2001
06	Survey of occupational therapy students' attitudes towards sexual issues in clinical practice. (JONES; WEERAKOON; PYNOR)	#2005
07	Diversity in occupational therapy: Experiences of consumers who identify themselves as minority group members. (KIRSH; TRENTHAM; COLE)	#2006
08	Sexual Orientation and Occupation: Gay Men and Women's Lived Experiences of Occupational Participation. (GANDER; KURTHY)	#2006
09	Professionalism, Personal Taste and Social Inclusion: Does it Matter What Clients Wear? (POPE; DAVYS; TAYLOR)	#2008
10	Occupational Therapy, Gay Men and Lesbians (WIWANITKIT)	#2011
11	Culture and Diversity among Occupational Therapists in Ireland: When the Therapist is the 'Diverse' One. (BEAGAN; CHACALA)	#2012
12	Working with transgender clients: Learning from physicians and nurses to improve occupational therapy practice. (BEAGAN et al)	#2013
13	Sexual orientation and occupation: some issues to consider when working with older gay people to meet their occupational needs. (TWINLEY)	#2014
14	Cross-dressing as a meaningful occupation: A single case study. (CURTIS; MORRIS)	#2015
15	Male-to-female transitions: Implications for occupational performance, health, and life satisfaction. (AVRECH BAR et al)	#2016
16	What do Adolescents with Developmental Disabilities Learn about Sexuality and Dating? A Potential Role for Occupational Therapy. (KRANTZ; TOLAN)	#2016
17	Housing for ageing LGBTQ people in Sweden: A descriptive study of needs, preferences, and concerns. (KOTTORP; JOHANSSON; AASE; ROSENBERG)	#2016

Fonte: Coleta de Dados, 2016.

3.5 EXTRAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

A fim de filtrar as informações necessárias para alcançar os objetivos deste estudo, foi elaborado um instrumento de coleta, contendo dados como: referência do artigo, seus objetivos, o tipo de artigo, a metodologia utilizada e os principais achados, semelhante com o que se fez no artigo de revisão de Salles e Matsukura (2016), Silva, Vendrúsculo-Fangel e Rodrigues (2016) e Bussmann e Greguol (2012) onde ocorre a utilização de planilhas para organizar os dados encontrados de acordo com título, autor, ano, metodologia, entre outros. Estes itens nos permitiram ter uma visão geral de cada artigo, podendo agrupá-los de forma quanti e qualitativa.

4 RESULTADOS

Em relação aos periódicos de Terapia Ocupacional, é possível observar que há um intervalo considerável disponível no portal periódicos da CAPES, de 1990 à 2016, porém este intervalo não abrange todos os periódicos, como o periódico *New Zealand Journal of Occupational Therapy*, que está disponível apenas de 2006 à 2013. (**Tabela 2**).

Observa-se também, na **Tabela 2**, a desigualdade em relação à periodicidade de publicação. A maioria dos periódicos publica três vezes ao ano, semestralmente ou bimestralmente. Mas também há periódicos que publicam mensalmente, como o *British Journal of Occupational Therapy* ou anualmente como o *Asian Journal of Occupational Therapy*. Outro fator relevante nesta catalogação dos periódicos, diz respeito à editora responsável pela circulação destes. As editoras vinculadas aos periódicos de Terapia Ocupacional são variadas, porém foram mais frequentes a *Directory of Open Access Journals (DOAJ)*, *Gale Cengage Academic OneFile* e a *EBSCO Host CINAHL with Full Text*.

Os 22 artigos selecionados foram publicados nos anos de 2000 a 2016, dos quais 05 deles estão associados à busca nos periódicos nacionais. Observou-se que a maior parte da amostra se concentra no periódico *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* (**Tabela 5**)

Internacionalmente, percebe-se uma discussão mais frequente sobre as questões de diversidade sexual. Dentre os 12 periódicos internacionais pesquisados, foi observado que os artigos selecionados neste estudo estão publicados em 8 destes, como demonstrado na **Tabela 5**. Enfatizamos que, o periódico *British Journal of Occupational Therapy* publicou 7 artigos, o maior número de publicações em um mesmo periódico encontrado nesta pesquisa. (**Tabela 5**)

Para melhor entendimento, os dados obtidos foram descritos conforme apresentados a seguir:

TABELA 5 – Distribuição dos artigos científicos conforme o periódico.

Periódicos	Nº
Revista de Terapia Ocupacional da USP	02
Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	03
Australian Occupational Therapy Journal	02
The American Journal of Occupational Therapy	02
British Journal of Occupational Therapy	07

The Canadian journal of Occupational Therapy	02
Hong Kong Journal Of Occupational Therapy	01
Occupational Therapy International	01
Scandinavian Journal Of Occupational Therapy	01
The Open Journal of Occupational Therapy	01
Total	22

Fonte: Coleta de Dados, 2016.

4.1 ORIGEM DOS ESTUDOS

Foi possível observar que os autores principais dos artigos analisados são de 8 países diferentes. Dentre esses, o Brasil e o Reino Unido foram mais frequentes. Enquanto que Israel, Tailândia e Suécia foram menos frequentes, apresentando apenas 1 artigo cada.

A partir dos artigos encontrados, verifica-se a instabilidade em relação ao número de publicações por ano, apesar dois picos na quantidade de publicações, no ano de 2000 e nos últimos 2 anos. (**Figura 3**).

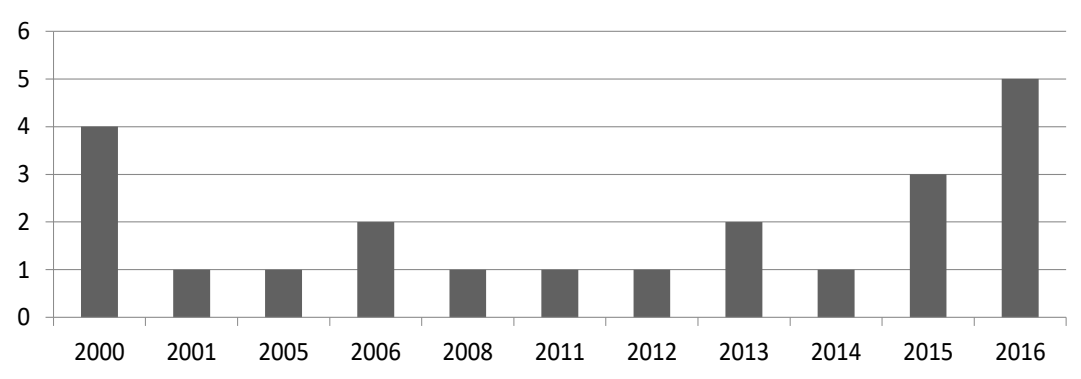


Figura 3: Distribuição dos artigos por ano de publicação – 2000 a 2016.

4.2 TIPOS DE ARTIGOS

Os tipos de artigos foram classificados conforme a modalidade de cada revista. Dentre os 22 artigos analisados, verificou-se que 16 estão apresentados como artigos originais, sendo o tipo de artigo mais frequente.

Segundo as normas ABNT NBR 6022:2003, transcritas por Araújo (2003), artigos originais são publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos,

técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento, estudos que visam aumentar a gama de discussão e apresentação de determinado tema, além de contribuir para a disseminação do conhecimento.

Em relação aos demais trabalhos, estes estão classificados como artigos teóricos, e foram citados como: Artigo de reflexão, de revisão, ponto de vista, de opinião e carta ao editor. Sendo classificado como artigo de reflexão, aquele que traz uma base teórica científica e a opinião do autor em determinado assunto, além da percepção das autoras a respeito do assunto abordado (ROCHA et al, 2015). Da mesma forma que Galvão e Pereira (2014) fomentam a ideia de pesquisas que utilizam a revisão como foco principal de suma importância, pois estas trazem informações gerais sobre o tema em questão, qualidade referente ao assunto pesquisado e são consideradas o melhor nível de evidência para tomadas de decisão. Já o artigo de opinião é um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa, expondo a opinião dos autores (BOFF, KÖCHE, MARINELLO, 2009). Cardoso (2005) expõe as cartas ao leitor como constituintes de um espaço que é destinado à manifestação dos leitores, criado para o discurso de forma afirmativa ou adversa a determinado assunto abordado. Os tipos de artigos encontrados refletem diretamente nos objetivos elencados pelos artigos analisados. O tópico seguinte visa agrupar estes objetivos, a fim de conhecer qual o intuito dos pesquisadores em relação à temática LGBT.

4.3 OBJETIVOS DOS ESTUDOS

Os objetivos propostos pelos artigos selecionados, em sua maioria, partiam de uma problemática, entretanto, o que podemos observar é que alguns estudos não se limitaram às questões específicas das pessoas LGBT's. Alguns trabalhos enfocaram terapeutas ocupacionais ou outros profissionais da saúde, e até mesmo percepções sobre a produção científica da Terapia ocupacional e sua vinculação com temas ligados à população LGBT.

Dentre os 22 artigos encontrados, 14 apresentam um recorte interventivo em sua discussão, seja descritivo, comparativo ou interpretativo. Murasaki e Galheigo (2016) seguem esse caminho ao estudarem as percepções e representações de jovens sobre o processo de assumir-se a homossexual e sobre os impactos que esta ação poderia exercer no cotidiano dessas pessoas, especialmente nas áreas da autonomia, inclusão e participação social. Este estudo nos mostra a importância de uma abordagem ocupacional ampla, que considera as múltiplas dimensões do humano e sobre como determinadas atitudes e modos de ser no mundo pode repercutir na qualidade do envolvimento em ocupações.

Outro estudo importante que vincula questões relacionadas ao público LGBT e a terapia ocupacional foi realizado por Bedell (2000). O autor buscou compreender experiências de vida diária de homens gays com HIV / AIDS que viviam sozinhos em Nova York. Este interesse de pesquisa nos mostra principalmente o âmbito de discussões ligadas ao fazer humano e o quanto que trabalhos que buscam o bem estar são de importante relevância na discussão terapêutica.

Apesar de muitos trabalhos investirem no estudo das Atividades de Vida Diária (AVD's) de LGBTs, há estudos que diversificam o interesse sobre as questões ocupacionais desse público. Kottorp et al (2015) descrevem as necessidades, preferências e preocupações das pessoas LGBT em função do envelhecimento e da moradia. Este é um trabalho importante por relacionar as expectativas de vida e de futuro dessas pessoas como seres singulares, mas pertencentes a uma sociedade.

O estudo de revisão realizado por Monzeli e Lopes (2012) traz consigo a relevância de estudos sobre sexualidade e terapia ocupacional. A pesquisa registra o quanto a passagem de tempo é primordial, junto com o desenvolvimento social, para a ampliação das discussões sobre sexualidade pela terapia ocupacional. Diante disto, é possível supor que muitos estudos existentes sobre gênero, sexo, sexualidade, entre outros, dificilmente encontrariam espaço para serem realizadas há décadas atrás quando compartilhavam-se de outros tipos de demanda social e, portanto, os interesses da profissão também eram outros e estavam circunscritos a áreas bem definidas que apresentavam pouca aproximação das relações de gênero, ainda que ligadas ao feminino e ao masculino.

Tem-se também o destaque de estudos como o de Beagan et al (2013) que discutem a formação profissional do terapeuta ocupacional e dos demais profissionais da área da saúde para os cuidados com pessoas transgêneros. Os autores chamam a atenção para a necessidade de preparo desses profissionais para lidarem melhor com a clientela de LGBTs e suas particularidades.

A fim de apurar ainda mais os artigos analisados, faz-se necessário o conhecimento dos percursos metodológicos mais adotados pelos pesquisadores na Terapia Ocupacional.

4.4 METODOLOGIA UTILIZADA

Dentre as metodologias utilizadas nos artigos reunidos neste estudo, percebe-se a predominância da pesquisa qualitativa, o predomínio do uso de entrevistas, em profundidade

ou semi-estruturadas, que buscam melhor conhecimento do cliente, facilidade na relação com o terapeuta e melhor engajamento na pesquisa proposta. Entre os 22 trabalhos analisados, 11 são intitulados como pesquisa qualitativa, enquanto 14 usaram as entrevistas como principal método de coleta dos dados, ou avaliação inicial para melhor realização da pesquisa. Dentre as técnicas utilizadas nos estudos, ressaltamos a iniciativa do uso do mapa corporal narrado (*body map storytelling*) utilizado por Murasaki e Galheigo (2016) como forma de reconhecer, através do desenho realizado pelo participante da pesquisa somado ao discurso da pessoa, diversas questões, dentre elas algumas sociais, inclusivas, reflexivas e culturais.

O uso de escalas de avaliação também é frequente nas pesquisas analisadas. Destacaram-se Jones, Weerakoon e Pynor (2005), que utilizaram a escala de conforto e Beagan et al (2013), que fizeram uso da escala de histórico de desempenho ocupacional. Em ambos os casos o uso dessas escalas como ferramentas para a catalogação e padronização de respostas, contribui para a visibilidade da pesquisa e a abrangência de seus resultados.

O importante do método de um trabalho são os caminhos escolhidos pelos autores a fim de responder aos seus questionamentos. Essa trajetória é evidente nos artigos originais, geralmente, resultantes de pesquisas de campo ou pesquisas teóricas que contam com certo grau rigor e aprofundamento analítico.

Artigos de reflexão, que costumam apresentar um método mais flexível também são responsáveis por estimular reflexões e debates importantes. O trabalho de Twinley (2013) pode servir-nos como ilustração desses casos. Trata-se de um artigo de opinião que apresenta a importância da discussão acerca da orientação sexual como um dos muitos fatores que podem afetar a experiência individual de ocupação e justiça, na infância, juventude, vida adulta e, principalmente, na velhice.

A importância em se organizar os meios metodológicos, serve como preparação para as discussões trazidas nos resultados dos artigos analisados, que serão apresentadas no tópico seguinte.

4.5 PRINCIPAIS ACHADOS

Diante dos trabalhos analisados, várias problemáticas puderam ser estudadas, a ponto de estas terem como seus objetos de estudos a gama de vertentes de envolvem a população LBGT. Este tópico está organizado de modo a favorecer uma maior compreensão sobre as principais discussões presentes nos trabalhos provenientes dessa pesquisa, com enfoque sobre questões pertinentes em relação ao público alvo, dentre eles:

a) **O papel da escola** que, por ser visto como um dos primeiros contatos da criança fora do contexto familiar torna-se, frequentemente, um campo de rejeição, intolerância e preconceito de diversas ordens. Esses acontecimentos podem contar com o envolvimento dos próprios alunos da escola, professores e até autoridades escolares das instâncias administrativas. Muitas vezes essas ocorrências estão relacionadas a não aceitação do outro da maneira como ele é e à tentativa de enquadrá-lo como diferente, inapropriado e, portanto, um inapto para frequentar o ambiente escolar. (MONZELI, FERREIRA, LOPES; 2015)

b) **A realização das AVD's** pela população LGBT, que na maioria dos estudos se encontra fragilizada, prejudicada ou impossibilitada; e é função do Terapeuta Ocupacional operar com as capacidades de desempenho das AVD's abrangendo a mobilidade funcional, os cuidados pessoais, a comunicação funcional e operar com as capacidades de desempenho das atividades instrumentais de vida diária (AIVDs) e que incluem a administração doméstica e capacidades para a vida em comunidade (BRASIL, 2006) ou seja é de suma importância a realização funcional e independente em quaisquer âmbito individual ou coletivo de acordo com o dia-a-dia do indivíduo. (KOTTORP et al, 2016; MONZELI, FERREIRA, LOPES, 2015; MONTEIRO et al, 2015; POPES, DAVYS, TAYLOR, 2008; GANDER, KURTHY, 2006; BEDELL, 2000)

c) **O auto reconhecimento como LGBT e suas implicações sociais**, o que implica diretamente na maneira de se portar na sociedade e envolve relações sociais de diversas ordens como trabalho, lazer etc. Sobre essa questão, Murasaki e Galheigo (2016) discutem o isolamento em relação à família e à participação social por conta da homoafetividade. As autoras destacam que essas ocorrências se manifestam, geralmente, nos casos em que o indivíduo ainda possui forças suficientes para firmar-se como gay, lésbica ou outros e, na tentativa de se colocar em um lugar social que ainda não pertence plenamente, passa a sofrer por não estar preparado para a difícil tarefa de enfrentamento. O caminho menos doloroso para a questão é o isolamento (MELO, 2016; MURASAKI, GALHEIGO, 2016; CURTIS, MORRIS, 2015; MONZELI, FERREIRA, LOPES, 2015; TWINLEY, 2014; GANDER, KURTHY, 2006; JACKSON, 2000).

A maioria dos estudos explora as problemáticas LGBT a partir de um viés que aloca essas pessoas como clientes, alvo de ações específicas ou intervenções clínicas. Beagan et al (2013), no entanto, também incentiva o trabalho voltado aos profissionais que cuidam

dessas pessoas e questiona sobre o quanto eles estão preparados, ou não, para atender ou manejar situações que envolvam LGBT's. Outro estudo que enfoca os profissionais é o de Jackson (2000), que expõe 6 situações no ambiente de trabalho que são excludentes e preconceituosas, principalmente em relação às Terapeutas Ocupacionais lésbicas.

Outras questões relevantes foram relacionadas à prostituição, ainda bastante recorrente, a escassez de emprego e oportunidades, as questões familiares que vem sendo solidificadas e ganhando cada vez mais apoio, os diversos estilos de vida e o quanto que em todas as classes e idades devem ser respeitadas e terem a autonomia e independência na realização das suas AVD's.

Twinley (2013) afirma que a importância da ocupação humana através do curso da vida deve constituir a base para o nosso desenvolvimento da compreensão das necessidades ocupacionais dos gays na vida adulta, necessidades que podem adequadamente ser satisfeitas com uma compreensão de suas experiências vividas. Após a análise de todo o material, apresenta-se a seguir o público, dentre os LGBT's, mais citado nos artigos.

4.6 PÚBLICO ESTUDADO

Diante da análise dos artigos, foi possível observar que o público homoafetivo masculino foi abordado em 10 artigos, sendo a categoria dominante neste tópico. Em seguida as lésbicas foram citadas em 9 artigos e a população trans (travesti, transexual, transgênero, *drag*, *cross-dresser*, entre outros), foi abordada em 8 artigos. O público bissexual foi citado em apenas dois artigos da amostra deste estudo. Em 5 artigos, não foi possível enquadrar nesta classificação, pois não abordavam diretamente o público LGBT. Vale ressaltar a existência de artigos que possuíam mais de uma população em sua amostra (por exemplo: gays e lésbicas), sendo assim, estes foram contabilizados nos dois públicos de forma independente.

Percebe-se que os tópicos acima são micro categorias de análise, sendo assim, em seguida apresentam-se as temáticas abordadas nos artigos, sendo esta uma categoria mais ampla.

4.7 TEMÁTICAS ABORDADAS

Diante dos artigos encontrados neste estudo, as temáticas foram classificadas a partir do agrupamento das palavras-chave/descriptores. Ressalta-se a existência do vocabulário de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), que contém a terminologia padrão, em inglês,

portugues e espanhol, na área das ciências da saúde, sendo um vocabulário dinâmico e em constante ampliação. Ou seja, é utilizado para padronização da linguagem na indexação e navegação nas fontes de informação (CASTRO, 2001). Foi observado que os descritores Terapia Ocupacional, Sexualidade, Transexual e Gênero/Identidade de gênero foram utilizados de forma mais frequente. Em seguida, os termos como: Gay, Lésbica e ocupação também se repetiram nos artigos analisados, porém em menos frequência. (**Tabela 6**)

Além disso, descritores como: Geriatria, Adolescente e deficiência também foram utilizados pelos artigos analisados, demonstrando a variedade de associações possíveis relacionadas a esta temática. Os artigos de Gander e Kurthy (2006), Kingsley e Molineux (2000), Yallop (2000) e Wiwanitkit (2009) não foi possível encontrar os descritores.

Tabela 6- Descritores mais recorrentes nos artigos

DESCRITORES	QUANTIDADES DE ARTIGOS
Terapia Ocupacional	06
Sexualidade	06
Transexual	05
Identidade de Gênero	03
Lésbica	02
Gay	03
Ocupação	02

Fonte: Coleta de Dados, 2016.

5 DISCUSSÃO

Este estudo objetivou estabelecer um panorama, a partir da literatura especializada brasileira e estrangeira, a respeito da circulação, aproximação e apropriação das questões ligadas ao público LGBT no âmbito da Terapia Ocupacional. Para tal, utilizou-se como desenho metodológico a revisão da literatura chamada *overview*, pois esta define-se como qualquer resumo da literatura que tenta pesquisar e descrever determinadas características. Permite uma visão ampla, servindo para situar o leitor no primeiro contato com o assunto. Além disso, possui rigor e qualidade variados, proporcionando a flexibilidade do autor em relação aos dados obtidos (GRANT; BOOTH, 2009).

Para a Terapia Ocupacional, a revisão da literatura tem grande relevância pedagógica, pois produz subsídios para a formação dos alunos de graduação e contribui para a análise crítica das práticas dos profissionais (LIMA; PASTORE; OKUMA, 2011). Também contribui para que os terapeutas ocupacionais tenham informações necessárias baseadas em pesquisas relacionadas ao tema para condução de seu trabalho (BUSSMANN; GREGUOL, 2012).

Os artigos selecionados neste estudo foram agrupados em diversas categorias a partir da leitura destes na íntegra. A revisão da literatura contemplou os objetivos propostos, pois permitiu compilar a produção da terapia ocupacional em relação ao público LGBT, conforme o intervalo de tempo estipulado no estudo.

Os resultados obtidos nos remetem a uma predominância dos artigos originais, assim como no estudo de Lopes et al (2016), onde ao analisar 883 artigos dos dois maiores periódicos brasileiros de Terapia Ocupacional, obteve o resultado que 729 artigos estavam classificados como artigo/artigo original. Isto pode estar relacionado com o tipo de delineamento mais utilizado. Sabe-se que este tipo de artigo requer uma pesquisa de natureza teórica ou empírica, que se constitui com maior prestígio no meio científico, pois busca determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis, definir formas de controle e observação dos efeitos produzidos no objeto, sendo o pesquisador um agente ativo no processo (GIL, 2002).

As descrições nos escopos dos periódicos de Terapia Ocupacional nos remetem a existência de uma preferência dos periódicos pelos artigos originais. O *The American Journal Of Occupational Therapy* ressalta que sua principal missão é publicar pesquisas que examinem a eficácia e a eficiência da prática, fundamentadas e baseadas em evidências. Algo semelhante é encontrado a respeito do *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, que se

destina à divulgação de trabalhos inéditos, oriundos de pesquisas científicas originais. Apesar disso, foram observados artigos que não se restringiam ao modelo predominante (TWINLEY, 2014; WIWANITKIT, 2011; POPE, DAVYS, TAYLOR, 2008; HARRISON, 2001).

Estes resultados revelaram que a Terapia Ocupacional vem intensificando suas discussões sobre o público LGBT. Através de um recorte geográfico é observado um maior volume de publicações internacionais, em contrapartida, as publicações nacionais têm sido mais atuais. Nos estudos de Jackson (1995) e Walsh e Crepeau (1998), já é possível observar a temática LGBT adentrando nas publicações da Terapia Ocupacional internacionalmente, buscando compreender como a orientação sexual pode influenciar nas ocupações, atentando-se à história de vida e os possíveis desdobramentos no cotidiano destes sujeitos. Estes questionamentos também aparecem nos artigos analisados neste estudo, o que demonstra que a profissão tem refletido sobre a temática, sem buscar conceitos acabados, mas sim a (re)construção das práticas profissionais para promover atenção integral ao público LGBT.

No contexto brasileiro, observaram-se publicações em menor volume, porém mais atuais. Este fato pode estar relacionado com o processo de crítica da terapia ocupacional, explicitado no trabalho de Barros, Ghirardi e Lopes (2002), em relação as suas bases, seus fundamentos e sua ação profissional, a fim de superar a concepção de que a profissão era constituída exclusivamente na área da saúde. Para a terapia ocupacional social, dispõem-se como público-alvo, entre outros, àqueles que sofrem processo de exclusão e os grupos sociais que estão expostos diretamente à precarização, vulnerabilidade, marginalização e ruptura das redes sociais (BARROS, GHIRARDI, LOPES; 2002).

Enquanto a Terapia Ocupacional encontrava-se neste processo crítico de suas bases, o ministério da saúde lançou, em 2004, o programa “Brasil sem Homofobia”, voltado para o combate à violência e discriminação contra LGBT’s e a promoção da cidadania homossexual. Este programa apresenta um conjunto de ações que visam promover o respeito à diversidade sexual, envolvendo ministérios e secretarias do governo federal. Dentre outras campanhas do governo com o enfoque na população LGBT, esta temática foi sendo cada vez mais incluída nos espaços de saúde e acadêmicos. Outro fator relevante neste resultado, diz respeito ao período de circulação dos periódicos de terapia ocupacional, observa-se que as revistas nacionais surgiram na década de 90, um período recente em relação aos periódicos internacionais.

Dentre os 20 artigos analisados, 8 deles foram publicados nos dois últimos anos (2015 e 2016). Sabe-se que o Brasil tem visto recentemente a elaboração e implementação de políticas públicas voltadas aos LGBT’s. Esse fenômeno é resultado das lutas do movimento

LGBT, sendo possível visualizar a politização das identidades sexuais e de gênero nas diversas esferas sociais, incluindo a mídia como um setor primordial de visibilidade (PEREIRA, 2016). Estas estratégias do movimento LGBT, têm refletido positivamente nas publicações científicas, aproximando a comunidade acadêmica do debate envolvendo questões específicas do público LGBT.

Diante disso, os trabalhos existentes abrem espaço para a discussão e disseminação de vários assuntos que relacionam Terapia Ocupacional e as temáticas LGBT, dentre elas as questões sobre o desempenho ocupacional, que refere-se às habilidades para adotar e manter uma rotina diária, desempenhar papéis sociais/ocupacionais e tarefas que têm como objetivo a automanutenção, a produtividade e o lazer, executadas de modo satisfatório e apropriado para o estágio de desenvolvimento, cultura e ambiente do indivíduo (MONTEIRO et al, 2015).

A partir desse conceito, é possível identificar que as pesquisas sobre o público LGBT, evidenciam que as ocupações, de forma geral, podem ser prejudicadas, em diversos âmbitos, sendo um deles o contexto escolar. Quando se fala em papel da escola, Borsa (2007) se refere a educação infantil como o processo de habilidades para adotar e manter uma rotina diária e desempenhar papéis sociais/ocupacionais. Esta discussão é desenvolvida no estudo de Monzeli, Ferreira e Lopes (2015), que trazem diversos fatores onde a garantia de direitos em jovens e adolescentes não foi respeitado, inclusive no modo de se vestir, sendo alvo de discriminações, decorrentes dos próprios colegas de turma até as autoridades da escola, afetando diretamente a rotina dos alunos submetidos a essa violência, fazendo-os refletir sobre permanecer ou não na escola.

Não poder desempenhar os papéis sociais, principalmente o de estudante devido à expressão de uma orientação sexual dita como diferente, é um fator que pode acarretar vários outros prejuízos. Krantz (2016) também demonstrou sua preocupação com relação a qual o significado de sexualidade para os alunos, professores e diretores, reafirmando a ideia de que a sexualidade na escola é um fator alarmante, e que muitas vezes o tema não se torna aplicável na escola, ou é algo que os alunos não entendem. O que leva ao entendimento de que se as questões ligadas a sexualidade ainda são vistos como assuntos delicados, e que atitudes heteronormativas ainda fazem com que a homossexualidade ainda seja um tabu na escola, como Silva (2008) que relatou o incomodo dos alunos como relação a sexualidade dos colegas a ponto de pedir para a direção a expulsão dos mesmo.

O papel da escola é tão importante para a Terapia Ocupacional, quanto a necessidade de realizar as AVDS. O desempenho de tais atividades é importante para que o

ser humano se torne capaz de realizar suas necessidades, garantindo-lhe maior independência e participação em seu ambiente (Guerzoni et al, 2008).

A relação das AVD's com o público LGBT é demonstrado na pesquisa de Bedell (2000) pois esta é voltada a homens gays com diagnostico de HIV, mediante a presença do HIV a realização das AVD's sofrem adaptações como: A diminuição do turno de trabalho integral, a modificação para cargos menos exigentes e até mesmo a realização do trabalho em casa.

Esta mesma relação, trabalho e HIV, é debatida em Ferreira, Figueiredo e Souza (2011), que buscam essencialmente o relato de mulheres, ao abordarem que a rotina de trabalho e demais atividades diárias esteja intimamente adaptadas as condições de saúde das pessoas. As participantes da pesquisa relataram a importância de conseguirem, no ambiente de trabalho, a compreensão em relação a horários ou atrasos, de modo que elas possam conciliar o tratamento com a manutenção da atividade profissional, ou seja, apesar da diferença no público estudado, relatam as mesmas mudanças de cotidiano e necessidades de adaptação encontradas em Bedell (2000).

Em todos os âmbitos relacionados às ocupações dos LGBT's, percebemos as dificuldades no engajamento, onde à frente de determinada situação, há indicativos de preconceito e discriminação, Monteiro et al (2015) verifica a maneira como as pessoas pensam em atividades que estejam relacionadas diretamente com o gênero, usando meninas e as pondo em situações que socialmente seriam apresentadas por meninos. Similar à discussão incitada por Liedberg e Hensing (2011), onde as percepções de gênero pareciam influenciar na escolha das atividades pelos estudantes de Terapia Ocupacional. Demonstrando que há distinção quando se fala de atividades diárias como sendo atividades de homem ou de mulher, não havendo aquele olhar sobre a atividade em si, mas no padrão social de quem a realiza.

As ocupações também podem ser discutidas levando em consideração a orientação sexual e como a sociedade oprime e até menospreza as formas sexuais distintas da heterossexual. Twinley (2014) observa a orientação sexual como um aspecto individual e divulgá-lo (ou não) deve ser uma escolha pessoal, porém ressalta que não se deve subestimar o significado, a importância e a influencia que a orientação sexual pode ter nas ocupações diárias, pois esta é um dos muitos fatores que contribuem para a formação da identidade.

Em relação à escolha individual de assumir-se ou não, é importante considerar o contexto social, cultural, religioso, político e histórico de cada sociedade, pois no Brasil a violência contra LBGT's segue em crescimento. No ano de 2013, o Relatório de Violência Homofóbica no Brasil, relatou que, das 1059 denúncias que foram feitas de violência, a

grande maioria se concentrava em violência física com Gays, travestis e transexuais. Em outro contexto, o Reino Unido relevou que 45% dos pesquisados LBGT's relataram ter experimentado discriminação (TWINLEY, 2014). Embora as coisas estejam caminhando para um rumo melhor em relação ao cumprimento de leis e o seguro de direitos, ainda há muita ignorância, homofobia e violência de todas as hipóteses.

Um ponto importante quando se fala em ocupação, seriam as vertentes ligadas ao desempenho ocupacional, que seria a realização da ocupação selecionada resultante da transação dinâmica entre o cliente, o contexto e o ambiente, e a atividade ou ocupação (CAVALCANTI; DUTRA; ELUI, 2015), ponto esse que foi analisado através da comparação em mulheres transgêneros e mulheres cisgêneros que indicam menores escores de desempenho ocupacional para mulheres trans, com maiores fatores ligados a prejuízos de saúde mental. A identidade ocupacional e a competência das mulheres transexuais neste estudo foram significativamente afetadas pelas mudanças que experimentaram, seja relacionada às suas ocupações ou ao corpo, pelo uso de medicamentos e processos medicinais e sofrem muitas dificuldades em uma tentativa de viver satisfatoriamente. Essas dificuldades resultam em uma participação limitada nas ocupações diárias (AVRECH BAR et al, 2016).

A partir dos resultados mais debatidos nos artigos, foi elencada a categoria “Auto-Reconhecimento LGBT e suas implicações sociais”. Este aspecto é abordado no artigo de Monzeli, Ferreira e Lopes (2015), quando ao conhecer a rotina das travestis, observa que existem espaços de sociabilidade e exclusão, como as ruas e a escola, respectivamente. Murasaki e Galheigo (2016) abordaram vários aspectos que foram influenciados pela identidade LGBT dos sujeitos, como as tensões familiares e o receio que a homossexualidade afetasse a vida profissional e o debate social que o fato de ser LGBT acarreta na sociedade.

É possível perceber nos estudos de Jackson (2000) e Gander e Kurthy (2006) um realizado com profissionais e o outro com clientes LGBT, respectivamente, que assumir-se LBGT no ambiente de trabalho acarreta situações desconfortáveis, pois a atmosfera ainda dita heterossexual carrega consigo os estereótipos que implicam no cotidiano.

Estes complicadores sociais vivenciados pelo público LGBT são debatidos principalmente relacionando à adolescência e vida adulta. Porém, em relação ao público LGBT idoso, Twinley (2014) apresenta implicações semelhantes, onde ainda podem-se encontrar situações discriminatórias no meio familiar e social, que tratam a homossexualidade como uma etapa de vida que ocorre na juventude, demonstrando que as consequências sociais de se assumir LGBT perduram por toda vida.

Sendo uma profissão habilitada a lidar em diferentes contextos e com clientes diversificados, Curtis e Morris (2015) abrangem em seu relato a importância no modo em como terapeutas ocupacionais devem tratar seus clientes, principalmente quando estes se autodenominam cross-dressing, ou expressam sua sexualidade de maneira distinta, entendendo suas questões de identidade. Reconhecer e assumir uma identidade LGBT, repercute na sociedade e influencia em todos os aspectos da vida do sujeito.

Os artigos analisados neste trabalho incitam a reflexão para os terapeutas ocupacionais a respeito da importância da sexualidade no processo terapêutico. (KRANTZ, TOLAN, 2016; MONTEIRO *et al*, 2015; BEAGAN, 2013; MONZELI, LOPES, 2012; WIWANITKIT, 2011; JONES, WEERAKOON E PYNOR, 2006; KIRSH, TRETAN, COLE, 2006; HARRISON, 2001). Este tipo de indagação também foi feita por Grath e Sakellariou (2016), que reflete a importância da sexualidade como ocupação e busca entender porque o progresso da Terapia Ocupacional em relação a esta temática tem sido tão lento. Apesar de os terapeutas ocupacionais reconhecerem legitimidade da sexualidade e da expressão sexual, este assunto ainda tem sido negligenciado na prática profissional.

Na análise dos artigos, foi observado que o público homoafetivo masculino foi o mais recorrente (MURASAKI, GALHEIGO, 2016; KOTTORP, *et al*, 2016; WIWANITKIT, 2009; GANDER, KURTHY, 2006; KIRSH *et al*, 2006; JONES, WEERAKOON, PYNOR, 2005; HARRISON, 2001; BEDELL, 2000; KINGSLEY, MOLINEUX, 2000; YALLOP, 2000). Contextualizando este resultado, percebe-se que o machismo tem forte influência sobre isto, como visto nas paradas de orgulho LGBT, que ainda encontram-se predominantemente associadas ao público masculino, por conta da representatividade que o evento propicia a eles, isso remete o fato de que o homem gay tem mais visibilidade social, fazendo com que em certas ocasiões a identidade sexual se torne a principal característica do sujeito, por exemplo “O gay da escola” (JESUS E GALINKIN, 2011).

Essa exposição que se tem do homem gay, é advinda de aspectos históricos da sociedade, onde socialmente o HIV era visualizado na época como “o câncer gay”, marcante no público masculino (PINAFI, 2011). Essas situações onde o homem gay é visto de forma preconceituosa na sociedade, acarreta episódios de prejuízos à saúde, como argumenta Rios (2004), que homossexuais criam relações conflituosas com profissionais da saúde e acabam por esconder sua orientação sexual, acarretando em prejuízos a saúde e acompanhamento médico.

O debate e a forma como as principais problemáticas sofridas por LGBT's elencadas neste trabalho foram realizadas e discutidas, são importantes para a obtenção de uma visão

deste público nas suas demais áreas afetadas, assim como a elaboração de material que auxiliará na melhor forma de atendimento e atenção a esta população, de forma a sempre criar novos mecanismos, estudos e vertentes que possam sempre estar aproximando a Terapia Ocupacional das discussões de gênero e sexualidade.

5.1 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

O presente estudo apresenta algumas limitações, tais como: A relação dos descritores LGBT e Terapia Ocupacional, devido ao fato de que a sigla em si traz um significado extenso, o que engloba gays, lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais entre outros, no entanto a diversidade de trabalhos que poderiam ser encontrados usando os descritores, não ocorreu pelo fato de que existem poucos trabalhos publicados sobre a temática. Ressalta-se que o limite de tempo estipulado neste estudo era, inicialmente, nos últimos 10 anos, porém este intervalo foi aumentando devido aos poucos artigos encontrados não permitirem a visualização de um panorama sobre a produção da terapia ocupacional relacionada ao público LGBT.

Com relação ao volume de produção científica, a busca exclusiva nos periódicos de terapia ocupacional denota uma limitação deste estudo. Pois, sugere a possibilidade de que os terapeutas ocupacionais que discutem a temática deste trabalho estão publicando seus artigos em periódicos mais específicos voltados para os debates de gênero, sexualidade e até mesmo LGBT, propriamente dito.

Outro ponto foi a dificuldade de padronização dos periódicos em relação às revistas de terapia ocupacional, pois as periodicidades são variadas, indo de publicações mensais, bimensais, até publicações semestrais, o que fez com que a quantidade de material pesquisado fosse conforme a disponibilidade e periodicidade do periódico.

Ortiz (2004) comenta sobre como a globalização inclina-se preferencialmente para o uso da língua inglesa, podendo ser considerada como a língua da ciência. Essa predominância oferece ao inglês uma maior capacidade de amplitude e uma posição privilegiada. A literatura de língua inglesa apresentou-se como responsável pelo maior quantitativo de artigos encontrados, o que implica na escassez de trabalhos nacionais que ofereçam para o terapeuta ocupacional brasileiro um embasamento teórico em língua portuguesa, sendo necessário a utilização de estudos de outras regiões do mundo, que podem apresentar relevantes diferenças sociais, políticas e nos campos de atuação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos artigos analisados neste estudo, é possível demonstrar que a Terapia Ocupacional possui reflexões crescentes sobre a população LGBT. Desta forma, considera-se que os objetivos dispostos para o estudo foram alcançados e expandiram-se, pois consideramos que os resultados e discussões incitadas neste estudo foram além do proposto.

Compreende-se que por ser uma revisão da literatura, os resultados encontrados nos permitem conhecer o panorama de um determinado período temporal, sem a intenção de generalização dos resultados obtidos. No entanto, o estudo demonstra sua relevância, ao estimular reflexões da profissão em relação a uma minoria social, buscando meios de compreensão destas vivências e subsidiando as práticas profissionais pautadas no respeito à diversidade sexual. Sugere-se que os terapeutas ocupacionais possam continuar desenvolvendo novos estudos com este público, buscando publicar nos periódicos específicos de terapia ocupacional, contribuindo para a ampliação e disseminação do conhecimento sobre gênero e sua interface com a ocupação humana.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. H. F. et al. Como construir conhecimento sobre o tema de pesquisa? Aplicação do processo ProKnow-C na busca de literatura sobre avaliação do desenvolvimento sustentável 10.5773/rgsa. v5i2. 424. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 5, n. 2, p. 47-62, 2012.

ANDRADE, I. B.; LIMA, M. C. M.; **Manual para elaboração e apresentação de trabalhos científicos**: artigo científico. Faculdade de Medicina de - Campos dos Goytacazes, 2007.

AOTA AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION et al. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo-traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. esp, p. 1-49, 2015.

ARAN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 9, n. 1, p. 49-63, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ABGLT). **Manual de Comunicação LGBT**. Curitiba, Ajir Artes Gráficas e Editora Ltda, 50 p. 2010.

AVRECH BAR, M. et al. Male-to-female transitions: Implications for occupational performance, health, and life satisfaction: Les transitions homme-femme: Conséquences en matière de rendement occupationnel, de santé et de satisfaction face à la vie. **Canadian Journal of Occupational Therapy**, v. 83, n. 2, p. 72-82, 2016.

BARRETO, A.; ARAUJO, L.; PEREIRA, M. E.; (Org.); PEREIRA, M. E. et al **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

BARRETO, R.C.V; **A Homossexualidade Em Foco**: Discutindo O Padrão Masculino Dominante. Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre mulher e gênero (NIEM). UFRGS. 2009.

BARRETO, R. C. V.; **Diversidade e Preconceito**: Identidade Homossexual em Ipanema – RJ. Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

BARROS, D. D.; GHIRARDI, M. I. G.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 13, n. 3, p. 95-103, 2002.

BEAGAN, B. L.; CHACALA, A. Culture and diversity among occupational therapists in Ireland: when the therapist is the 'diverse' one. **The British Journal of Occupational Therapy**, v. 75, n. 3, p. 144-151, 2012.

BEAGAN, B. L. et al. Working with transgender clients: Learning from physicians and nurses to improve occupational therapy practice: Travailler auprès des clients transgenres: Apprendre des médecins et des infirmières en vue d'améliorer la pratique de l'ergothérapie. **Canadian Journal of Occupational Therapy**, v. 80, n. 2, p. 82-91, 2013.

BEDELL, G. Daily life for eight urban gay men with HIV/AIDS. **American Journal of Occupational Therapy**, v. 54, n. 2, p. 197-206, 2000.

BOFF, O. M. B.; KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. **O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação**. ReVEL, vol. 7, n. 13, 2009.

BOMFIM, S. S. Orientação sexual na escola: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão. **Monografia (Pedagogia), Universidade do Estado da Bahia, Salvador**, 2009.

BORSA, J. C.; **O papel da escola no processo de socialização infantil**. Psicoglobal-Psicologia. com. pt, v. 142, p. 1-5, 2007.

BUSSMANN, A. J. C.; GREGUOL, M. Análise das técnicas de propulsão de atletas praticantes de modalidades em cadeira de rodas: um estudo de revisão. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 23, n. 2, p. 193-198, 2012.

BUTLER, J.; **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. in LOURO G. L.; **O Corpo educado pedagogias da sexualidade**. 2ª Edição Autêntica. Belo Horizonte 2000.

BUTLER, J. Gender regulations. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 249-274, 2014.

BRASIL. Secretária Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013**. Brasília, 2016.

BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº. 316/2006** – Dispõe sobre a prática de Atividades de Vida Diária, de Atividades Instrumentais da Vida Diária e Tecnologia Assistiva pelo Terapeuta

Ocupacional e dá outras providências. Disponível em: < <http://coffito.gov.br/nsite/?p=3074>> acesso em 13 de fev. 2016.

BRASIL. Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual. **Cartilha “Diversidade sexual e cidadania LGBT”**. São Paulo: SJDC/SP, 2014. 44p.

BRASIL. **Manual de Comunicação LGBT**. Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids – UNAIDS. São Paulo. 2014.

CAETANO, G. N.; COSTA, B.P.; Geografia, sexualidades e reconhecimento sociocultural em âmbito educacional: a inserção das demandas sociais da ONG Igualdade/Santa Maria na escola Marieta D’Ambrósio. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 9-22, 2011.

CAMARGO, P. O.; MARTINS, M. F. D. Os efeitos do crack na gestação e nos bebês nascidos de mães usuárias: Uma revisão bibliográfica/The effects of crack in pregnancy and babies of addicted mothers: A literature review. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 22, n. 1SE, 2014.

CAVALCANTE, A. S. **Transgenitalização–saberes e poderes envolvidos na política de saúde do SUS**. 13º Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia. São Paulo. 2012.

CAPES, PORTAL PERIÓDICOS. Disponível em:< <http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em, dez. 2016.

CARDOSO, M. M.; **O gênero carta ao editor em newsweek: aspectos discursivos e sócio-interacionais**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza. 2005.

CARLETO, D. G. S.; ALVES, H. C.; GONTIJO, D. T.; Promoção de Saúde, Desempenho Ocupacional e Vulnerabilidade Social: subsídios para a intervenção da Terapia Ocupacional com adolescentes acolhidas institucionalmente. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 89-97, 2010.

CASTRO, E. Terminologia, palavras-chave, descritores em saúde: qual a sua utilidade?. **Jornal Brasileiro De AIDS**, v. 2, n. 1, p. 51, 2001.

COSTA, R. S. M; **Homossexualidade: um conceito preso ao tempo**. Docente da pós-graduação em Sexualidade Humana no Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação - Uni IBMR. 2004.

CURTIS, M.; MORRIS, K.; Cross-dressing as a meaningful occupation: A single case study. **British Journal of Occupational Therapy**, v. 78, n. 11, p. 706-712, 2015.

FACCHINI, R. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, v. 10, n. 18/19, 2003.

FERREIRA, R. C. M.; FIGUEIREDO, M. A.C.; SOUZA, L. B.; Trabalho, HIV/AIDS: enfrentamento e dificuldades relatadas por mulheres. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 259-67, 2011.

FILHO, A. T. et al. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, v. 24, p. 127-152, 2005.

FINCO, D. F.; Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-posições**, v. 14, n. 3, p. 89-101, 2003.

FURLAN, P. G. et al. A formação profissional de terapeutas ocupacionais e o curso de graduação da Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia/The vocational training of occupational therapists and the Undergraduate Course at the University of Brasília, Ceilândia College. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 22, n. 1, 2014.

GALVÃO, B. A. P. et al. Perspectiva dos pais sobre as consequências funcionais do Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação (TDC): revisão da literatura/The perspective of parents on the functional consequences of Developmental Coordination Disorder (DCD): a literature revi. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 22, n. 1, 2014.

GALHEIGO, S. M. ; ANTUNES, J. R.; A caracterização da produção bibliográfica nas práticas hospitalares em terapia ocupacional no Brasil: uma revisão da literatura de 1990 a 2007. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 19, n. 2, p. 91-99, 2008.

GANDER. B. R; KURTHY, H. V.; Sexual orientation and occupation: Gay men and women's lived experiences of occupational participation. **The British Journal of Occupational Therapy**, v. 69, n. 9, p. 402-408, 2006.

GARCIA, O. A. **No final do arco-íris: leprechauns e potes de ouro. A parada LGBT de São Paulo: a visibilidade e a contrapartida para uma igualdade de gênero.** 2009. 42 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista,

Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/119212>>.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, p. 44-45, 2002.

GOMES, M. L.; OLIVER, F. C.; A prática da terapia ocupacional junto à população infantil: revisão bibliográfica do período de 1999 a 2009. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 21, n. 2, p. 121-129, 2010.

GRANT, M. J.; BOOTH, A.; A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. **Health Information & Libraries Journal**, v. 26, n. 2, p. 91-108, 2009.

GUERZONI, V. P. D. et al. Análise das intervenções de terapia ocupacional no desempenho das atividades de vida diária em crianças com paralisia cerebral: uma revisão sistemática da literatura: [revisão]. **Revista brasileira Saúde materno Infantil**, p. 17-25, 2008.

HARRISON, J. It's none of my business': Gay and lesbian invisibility in aged care. **Australian Occupational Therapy Journal**, v. 48, n. 3, p. 142-145, 2001.

JACKSON, J. Sexual orientation: Its relevance to occupational science and the practice of occupational therapy. **American Journal of Occupational Therapy**, v. 49, n. 7, p. 669-679, 1995.

JACKSON, J. Understanding the experience of noninclusive occupational therapy clinics: Lesbians' perspectives. **American Journal of Occupational Therapy**, v. 54, n. 1, p. 26-35, 2000.

JAYME, J. G.; Travestis, Transformistas, Dragqueens, Transexuais: identidade, corpo e gênero. In: **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. 2004.

JESUS, R. M. Leonardo Boff: **Antropologia, Ontologia, Cosmologia, ética e mística**. **Rev. Inter de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos**. Vol. II, Nº 7 Juiz de Fora. 2008. p. 44-67.

JONES, M. K.; WEERAKOON, P.; PYNOR, R. A. Survey of occupational therapy students' attitudes towards sexual issues in clinical practice. **Occupational Therapy International**, v. 12, n. 2, p. 95-106, 2005.

JUNIOR, P. R. JOÃO SILVÉRIO TREVISAN: VIDA POLÍTICA, TRAJETÓRIAS HOMOSSEXUAIS. **Revista Tempo Histórico**, v. 5, n. 1, 2013.

JUNGES, R. **Meninos que brincam com bonecas viram meninas? diferenças de gênero nas brincadeiras de crianças de 4 a 5 anos**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso.

KIRSH, B.; TRENTHAM, B.; COLE, Sametta. Diversity in occupational therapy: Experiences of consumers who identify themselves as minority group members. **Australian Occupational Therapy Journal**, v. 53, n. 4, p. 302-313, 2006.

KOTTORP, A. et al. Housing for ageing LGBTQ people in Sweden: a descriptive study of needs, preferences, and concerns. **Scandinavian journal of occupational therapy**, v. 23, n. 5, p. 337-346, 2016.

KRANTZ, G. et al. What do Adolescents with Developmental Disabilities Learn about Sexuality and Dating? A Potential Role for Occupational Therapy. **The Open Journal of Occupational Therapy**, v. 4, n. 2, p. 5.

LIMA, B. S.; **Formas de enfrentamento diante do preconceito e discriminação vivenciados por pessoas homoafetivas**. Psicologia, portal dos psicólogos. 2015.

LIMA, E. M. F. A.; PASTORE, M. N.; OKUMA, D. G. As atividades no campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção científica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a 2008. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 22, n. 1, p. 68-75, jan./abr. 2011.

LOPES, R. E. et al. A divulgação do conhecimento em terapia ocupacional no Brasil: um retrato nos seus periódicos/Knowledge dissemination in occupational therapy in Brazil: a portrait in its journals. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 24, n. 4, 2016.

MELO, K. M. M.; Terapia Ocupacional Social, pessoas trans e Teoria Queer:(re) pensando concepções normativas baseadas no gênero e na sexualidade/Social Occupational Therapy, transgender and Queer Theory:(re) thinking normative conceptions based in gender and sexualities. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 24, n. 1, 2016.

- MEYER, D. E. E.; Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 57, nº 1, p. 13-18, 2004.
- MONTEIRO, A. O. LIMA, A. L. B.; CABRAL, M. Y. R.; **Transexualidade E Direitos Humanos: Uma Luta Por Dignidade E Cidadania**. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. 2016.
- MONTEIRO, R. J. S. et al. “Pensando como um menino é mais fácil”: construções sobre as relações de gênero no discurso de meninas adolescentes. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. 2, p. 207-215, 2015.
- MONZELI, G. A.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional e sexualidade: uma revisão nos periódicos nacionais e internacionais da área. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 23, n. 3, p. 237-44, set./ dez. 2012
- MONZELI, G., A.; FERREIRA, V. S.; LOPES, Roseli Esquerdo. Entre proteção, exposição e admissões condicionadas: travestilidades e espaços de sociabilidade/Among protection, exposure and conditioned admissions: travestilities and sociability spaces. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 23, n. 3, 2015.
- MOREIRA. W.; **Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico**: conceitos e estratégias para confecção. 2004.
- MOTT, L. R. B.; **O/A Jovem Homossexual Na Escola**. Noções básicas de Direitos Humanos para Professores/as da Educação Básica. No prelo. 2009.
- MURASAKI, A. K.; GALHEIGO, S. M. Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais¹. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar** (Impr.), v. 24, n. 01, p. 53-68, 2016.
- MUSSKOPF, A. S. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram. **Revista Tempo e Presença Digital**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 8, Abr. 2008.
- ORTIZ, R.; As ciências sociais e o inglês. **Revista brasileira de ciências sociais** - vol. 19 nº 5. Fev. 2004.
- PALUDETO, S. P. **Gênero e suas manifestações na primeira infância: Um estudo com crianças de 21 a 30 meses de idade**. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, São Paulo. 2010.

PENARIO. T. R.; BRAGA. N. I. F.; SILVA. M. A. I.; **O Impacto da Homofobia na saúde de adolescentes homossexuais**. Universidade de Ribeirão Preto, São Paulo. 2015.

PEREIRA, Cleyton Feitosa. Notas sobre a trajetória das políticas públicas de Direitos Humanos LGBT no Brasil. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 4, n. 1, p. 115-137, 2016.

PERUCCHI, J.; CORRÊA, C. G.; Uma análise psicossocial de experiências de violência homofóbica vividas por jovens LGBT no período escolar. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 22, n. 46, p. 81-99, 2013.

PETRY. A. R.; MEYER D. E. E.; **Transexualidade e heteronormatividade**: algumas questões para a pesquisa Transsexuality and heteronormativity: some topics for research. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011.

PONTES, A. F.; **Sexualidade: vamos conversar sobre isso?-Promoção do desenvolvimento psicosexual na adolescência**: implementação e avaliação de um programa de intervenção em meio escolar. 2011.

POPE, K.; DAVYS, D.; TAYLOR, J.. Professionalism, personal taste and social inclusion: does it matter what clients wear?. **British Journal of Occupational Therapy**, v. 71, n. 4, p. 165-167, 2008.

ROCHA, J. S. M. et al. Desempenho de crianças nascidas pretermo e em idade escolar na escrita: revisão da literatura/Handwriting performance of preterm children at school age: a literature review. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 23, n. 1, 2015.

ROCHA, G. S. A. et al.; Cuidados de enfermagem aos indivíduos soropositivos: reflexão à luz da fenomenologia. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 258-265, 2015.

SAKELLARIOU, D.; ALGADO, S. S. Sexuality and occupational therapy: exploring the link. **The British journal of occupational therapy**, v. 69, n. 8, p. 350-356, 2006.

SALLES, M. M.; MATSUKURA, T. S.; Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da Terapia Ocupacional na literatura de língua inglesa/Systematic review about everyday life in Occupational Therapy English papers. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 23, n. 1, 2015.

SANTOS, C. J. G. TIPOS DE PESQUISA. **Oficina da Pesquisa**.

SANTOS, G. G. C.; Movimento LGBT e partidos políticos no Brasil. **Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 6, n. 1, p. 179, 2016.

SANTOS, J.A; **Desigualdade Social e o Conceito de Gênero**. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2010.

SILVA, A. F.; **Pelo sentido da vista**: um olhar gay na escola. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. 2008.

SILVA, F. M. N.; VENDRÚSCULO-FANGEL, L. M.; RODRIGUES, D. S. A Terapia Ocupacional e a saúde do trabalhador: panorama de produção bibliográfica/Occupational Therapy and workers' health: an overview of the bibliographic production. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 24, n. 2, 2016.

SIQUEIRA, M. V. S. *et al.* Homofobia e violência moral no trabalho no distrito federal. **Rev. o&s - Salvador**, v.16 - n.50, p. 447-461, 2009.

SOUZA, I. C. Homossexualismo, uma instituição reconhecida em duas grandes civilizações. In: **Instituto Interdisciplinar De Direito De Família – IDEF**. Homossexualidade: discussões jurídicas e psicológicas. Curitiba: Juruá, 2001.

SOUZA, H. A.; BERNARDO, M. H. Transexualidade: as consequências do preconceito escolar para a vida profissional. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 2014.

SOUZA, H. A. **Os desafios do trabalho na vida cotidiana de mulheres Transexuais**. Dissertação (Mestrado em psicologia como profissão e ciência). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciência da Vida, programa de pós graduação em psicologia. Campinas. 2012.

TAYLOR, B. The impact of assistive equipment on intimacy and sexual expression. **The British Journal of Occupational Therapy**, v. 74, n. 9, p. 435-442, 2011.

TRABALHOS ACADÊMICOS. **Roteiro para apresentação de acordo com a ABNT.** Universidade Federal Do Para. Sistema De Bibliotecas, Belém. 2013.

TONELI, M. J. F. **Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate.** In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. Diálogos em psicologia social [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 147-167.

TWINLEY, R.; Sexual orientation and occupation: some issues to consider when working with older gay people to meet their occupational needs. **The British Journal of Occupational Therapy**, v. 77, n. 12, p. 623-625, 2014.

WALSH, A. L.; CREPEAU, E. B. “My secret life”: the emergence of one gay man’s authentic identity. **American Journal of Occupational Therapy**, v. 52, n. 7, p. 563-569, 1998.

WIWANITKIT, V. Occupational therapy, gay men and lesbians. **Hong Kong Journal of Occupational Therapy**, v. 21, n. 1, p. 47-48, 2011.

WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS - WFOT. Definition of occupational therapy, 2012. Available from: <http://www.wfot.org/AboutUs/AboutOccupationalTherapy/DefinitionofOccupationalTherapy.aspx> . Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

ZEN, C. C.; OMARI, C.; O modelo lúdico: Uma nova visão do brincar para a terapia ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, Jan-Jun 2009.